

23

CONTOS AO CORRER DA PENNA



3 /
ALBERTO PIMENTEL

CONTOS

AO

CORRER DA PENNA

M 44.189

PORTO
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
31—RUA FERREIRA BORGES—31
—
1869

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

Ao pé do eremiterio, n'aquella sandosa aldeia que eu tenho visitado tantas vezes, ha um erzeiro rustico, vestido de heras, onde as raparigas do campo vão pendurar, no dia da romaria, uma corôa de flôres silvestres como preito singelo de corações defesos á corrupção das cidades. Tu, alma adorada, que és para mim o esteio da fé, consente que eu poise no teu regaço esta humilde corôa entretecida de flôres pouco mais de silvestres, a exemplo das moças d'aldeia, e que guarde no coração a esperanza de que possam ahí re-florir eternamente.

Julho de 1869.



O NINHO DAS ANDORINHAS

I

—Deixe em paz o ninho das andorinhas, senhor morgado. Deixe-o em paz. Peço-lhe que respeite as tradições populares, quando trazem o cunho de virgindade das erenças primitivas. Embora me chame visionario. As andorinhas hão de voltar a procurar a sua deserta habitação, quando a primavera inflorar os nossos caminhos. Pouco tempo ha passado, desde que as vi partir em caravanas silenciosas para o lado do sul. Hão de voltar, senhor morgado; hão de voltar a procurar as arvores conhecidas e o ninho que lhes era habitação antiga. Derrubar-lhes a sua casinha, é uma espoliação. São nossas conhecidas de ha muito, as andorinhas que vieram fabricar o ninho no friso do portão da quinta. Não as privemos agora da hospitalidade que se lhes tem dado...

—Folguei d'ouvil-o, padre Domingos, folguei d'ouvil-o. Sahiu-lhe a palavra com toques de sentimento, é verdade. Mas... deixe as superstições para o povo, que não sabe discriminar o falso do verdadeiro. As aves são do ar. O ninho serve apenas para o repouso d'algumas horas e pouco importa descansar aqui ou além. Voltarão as andorinhas. As que estão costumadas a estes sitios, se não encontrarem o ninho que deixaram, irão fabricar outro ou longe ou perto. Mal vai, padre Domingos, mal vai em julgar que as pobres avesitas se affeiçoam pelas arvores e pelas casas. Isso não é amor; é o costume, é o habito simplesmente. Dá-se com as andorinhas o que vai acontecer exactamente com minha prima e comigo. Obrigam-nos a casar as conveniencias de familia; casamos. Minha prima não morre d'amores por mim, nem eu morro d'amores por ella. Passado tempo, porém, verá que estamos costumados um com o outro e que já nos havia de custar uma separação obrigada. É simplesmente isto. Eu gosto das aves para desfechar contra ellas; mais nada. Não me fiquem remorsos de ter acertado n'um passarito ou derubado um ninho. Confesso que não tenho a sensibilidade de padre Domingos. A caça é um dos requisitos de educação fidalga, e nós, os que não fomos creados com parlendas de convento, devemos confessar que temos o desenvolvimento preciso para dar de mão a pieguices d'essa natureza.

—Assim seja, senhor morgado, mas não di-

ziam isso os livros que me emprestava o snr. D. Abade do Mosteiro. Fui creado por alli e devo á memoria saudosa de tão illustrado homem o pouco desenvolvimento que tenho. Perdi, porém, o bem que era tão meu, quando mais precisava de livros. A vaga da revolução absorveu os conventos. Succedem aos frades o que succede com as andorinhas: perseguiram-nos. Eu quero ser liberal, senhor morgado, mas não quero que esta palavra envolva uma significação odiosa para...

—O povo—concluiu o morgado de Sancta Eulalia—para o povo. Esse é que não sabe que o homem nasceu para trabalhar e que as mesmas abelhas teem no interior das colmeias as officinas do seu trabalho. Os conventos eram colmeias... de frades, com uma noica differença...

—Qual, senhor morgado?

—Era que se substituiu lá o trabalho pela ociosidade...

—Não diga tal, senhor morgado—replicou padre Domingos, o capellão.—Não diga tal! O convento era uma grande officina onde cada um trabalhava para todos. Sabia d'alli a instrução para os que a não podiam ir receber lá dentro, como eu, como muitos. Quero que haja progresso, senhor morgado, mas não sei ainda bem o que esta palavra quer dizer. O verdadeiro progresso deve ser aquelle que principie por nos reformar moralmente, limpando-nos de maus sentimentos. Se a vida monastica tinha desvarios, tambem os tem a vida fidalga dos graodes senhores.

—É uma allusão, padre Domingos?

—Foi um lapso sem intenção d'offensa, senhor morgado.

—Pois bem. Deixemos estas coisas que não são muito para quem está fóra dos grandes centros politicos. É verdade, padre Domingos! Esqueceu-se do que diziam os livros do D. Abbade com referencia ás aves... O que diziam elles?

—Diziam que era peccado violar a casa d'um passarinho, porque era uma espoliação, abstrahindo comtudo da crença popular, que vê nas andorinhas os genios protectores das nossas casas. Lembro-me até de que diz o Deuteronomio: *Si ambulans per viam, in arbore vel in terra nidum avis inveneris, et matrem pullis vel ovis desuper incubantem, non tenebis eam cum filiis sed abire patieris, ut bene sit tibi et longo vivas tempore.*

—O latim que me ensinou, padre Domingos, não basta para fazer uma traducção escoreita, ou melhor, o pouco que eu quiz aprender não me dá azas para metter dente no texto. Traduza, se quizer.

—Traduzirá por mim um grande homem que soube vasar a phrase latina nos moldes da boa linguagem portugueza. Oíça lá, senhor morgado. Diz a versão: «Se o acaso te deparar no caminho, quer em arvore, quer no chão, um ninho de ave, e a mãe estiver a agazalhar os filhos ou os ovos, não a tomes com os filhos, senão que em boa hora a deixes ir, para que boa estreia te venha e vivas largos annos.»

—Quem traduziu, padre Domingos?

—Um homem de quem temos lá em cima o retrato. O sr. Castilho...

—Ah! bem sei—acudiu o morgado.—Li d'elle, outro dia, os *Ciúmes do Bardo*; bonito livro que me emprestou o Fernando Tavares.

—O namorado de sua prima?

—Qual namorado, padre Domingos! Minha prima não o ama. O coração de Ricardina não deslêre vãos para além da vontade imperiosa de meu tio. Esta é a verdade. Meu tio quer que ella case commigo; ha de casar.

—Veremos, senhor morgado.

—Não temos que vêr. Fique-se nas boas horas, padre Domingos, que eu vou por ahí abaixo comprimentar minha prima. Até ao jantar, reverendo.

—Até ao jantar, senhor morgado.

Ficára o padre d'olhos pregados no chão a contemplar largo tempo o ninho das andorinhas que o morgado derrubára. Sentiu-se triste de vêr aquella profanação e lembrou-se de que haviam de ficar saudosas as andorinhas quando, ao voltar, não encontrassem a sua casinha de muitos annos. Tinham alli as pobresinhas o seu domicilio; d'alli sahiam para as arvores do pomar. Era isto uma alegria costumeada, que não prejudicava as alegrias do Paço de Sancta Eulalia.

Ninguém se importava com as andorinhas e ellas importavam-se com todos, porque a todos divertiam com os seus gorgeios suaves, sem que chegassem a ser importunas.

—Para que havia o morgado de fazer isto?— pensava padre Domingos e lá se ficava d'olhos pregados no chão a contemplar o ninho derrubado.—Este senhor morgado—continuava, monologando, o capellão—é um excellente rapaz corrompido todavia pela educação liberrima da nobreza. Bons sentimentos tinha, em verdade, mas entrou-lhe no coração a civa da corrupção pelo trato dos fidalgos devassos. Intelligencia, tem-n'a, ou tinha-a. Não a quiz apurar tanto quanto devia e mal foi. A certeza de que não é preciso trabalhar para viver, é o peor passaporte com que um homem pôde entrar no mundo... E são estes os que fallam da labutação das abelhas e da ociosidade dos frades! Não devera de pronunciar palavra a este respeito, o senhor morgado. Vida mais airada ninguém a leva por ali. Dos seus desvarios pouco tempo lhe sobra para pensar e o que lhe sobra vai-se em machinações aventurezas. Deus me perdoe, mas não lhe virá grande descanso pelo casamento. O senhor morgado está costumado a viver com as matilhas e com os cavallos; pessima companhia esta!

A menina Ricardina é d'uma compleição franzina e delicada e não o poderá acompanhar nas excursões arriscadas, nas monterias da serra. Pois se o fidalgo vai só, mal vai! Ha de ficar-se por lá semanas inteiras nos solares dos seus pa-

rentes em saraus e passa-tempos. Antolha-se-me este casamento como desgraça imminente. Pobre menina, que lá tinha as suas inclinações para o Fernando Tavares, bom moço, em verdade e muito para merecer desposar-a...

—Obrigado, reverendo, obrigado. Ainda bem que lhe mereço palavras de compaixão—apostrophou Fernando Tavares, batendo com affabilidade no hombro de padre Domingos.

—Ah! Era o snr. Fernando!—tornou o padre —Mau costume é este de fallar só. Dizem que é o mesmo que fallar com o cão tinhoso, a que eu chamo diabo, sem offensa da igreja. Todavia quer-me parecer que tal não ha. Fallar só não é peccado; é um mau habito, isso sim. Não passa de pensar alto, não lhe parece, snr. Fernando?

—É um costume das naturezas expansivas, que nem por isso são peiores. Outras ha que se recatam dos olhos e dos ouvidos alheios e abafam na propria dôr. Estas são as menos francas e as mais perigosas. Morrem com o laço da estrangulação na garganta e não soltam um gémido, um unico. Se algumas vezes, porém, no momento da suprema agonia, se lhes entreabrem os labios, rompe-lhes do intimo o grito dilacerante em que se resumem todas as notas dolorosas d'afflicção: é o grito do leão que morre ferido...

—Encanta-me ouvil-o, snr. Fernando. Delicia-me a sua linguagem resaliada de tristezas e pesa-me, ao mesmo tempo, que a sua natureza seja d'essas naturezas concentradas que não

deixam sahir para fóra de si mesmas o segredo que lentamente as extingue. Eu vivo só no mundo e não tenho com quem desabafe amarguras. O padre não tem familia, ou antes, a familia do padre é a humanidade. É preciso consolar por toda a parte com a palavra do Evangelho e para ensinar a resignação, é preciso tel-a e mostral-a. Por isso o padre não póde e não deve queixar-se. Sempre esperei que o senhor morgado fechasse os olhos ao seu velho mestre; agora penso que não acontecerá assim. Grandes alegrias vão haver n'esta casa, ou grandes desgraças, sr. Fernando e umas ou outras hão de prender as atenções da familia inteira. Acabarei para ahí, no meu quarto, entre os meus livros, sem as lagrimas de ninguém. A morte é uma aurora: o principio d'outra vida. E as auroras trazem sempre orvalhos beneficos. É por isso que se chora por quem morre e é por isso que eu desejava que chorassem por mim...

—Cale-se, padre, cale-se, que me dilacera o coração. Quem lhe diz que eu não sou tão desgraçado como o sacerdote que morre ao desamparo na solidão da cella? Não julgue que me amedronta a morte; creio na morte como na transição do sonho para a realidade. O que me põe medo, padre, o que me põe medo é a lembrança que o flagella, a ideia de morrer sem que fiquem chorando por mim os olhos piedosos d'uma pessoa amiga. Quando minha mãe morreu estive ao pé do seu leito. Momentos antes d'aquella sancta passar para outra vida, viu-me os olhos mareja-

dos de pranto e tentou consolar-me, dizendo que morria feliz. Era porque tinha as minhas lagrimas, não era, padre? Amortalhar-me-hão os criados e dividirão entre si, por minha ordem, o espolio do meu pequeno patrimonio. Acaba comigo uma familia inteira. Os pobres servos levarão o seu amo á sepultura. Esses chorarão por mim, é verdade. Mas essas não são as lagrimas que eu queria; essas são de gratidão passageira. Queria que ellas nascessem d'um sentimento profundo, enraizado, immutavel, dô amor, padre, do amor; mas do amor que se não vergasse ao despotismo da sociedade e ás conveniencias da familia... Entende, padre, entende?—E cahiu, chorando, nos braços de padre Domingos.

—Abençoados os que choram!—balbuciou o padre, estreitando-o.

III

Vem chegando a primavera. Trabalha-se no Paço de Sancta Eulalia em preparativos de casamento. Padre Domingos, triste e scismador, aguarda da janella do seu quarto o momento da chegada das andorinhas. Ha dias que as espera solícito; pôz n'isso toda a canceira. As andorinhas, porém, ainda não chegaram. O bom do padre traz o pensamento absorto n'estes cuidados e nem dá tino dos trabalhos para a festa das nupcias.

Enxameciam á porta do Paço raparigas d'al-deia, que entram e sahem com cestos de flôres; outras occupam o pateo entresachando flôres e folhagens, trabalhando nos festões com que se hão de ornamentar as avenidas da quinta.

O morgado de Sancta Eulalia activa os trabalhos, não com alegria mas com aquella especie d'impaciencia, que costuma mostrar, em dias de caçada, quando os criados se demoram mais a sellar os cavallos ou a desatrellar as matilhas.

Depois que a campainha annuncia o jaotar, padre Domingos sahe do sen quarto em direcção á sala da mesa. O morgado diz as frivolidades do costume e o padre responde-lhe, abstractamente, com monosyllabos. Chegon, porém, a vez de se alterar este rythmo.

—Padre Domingos—diz o morgado—que pensar é esse que o traz tão alheado do que se passa n'esta casa?

—Sombras da velhice, senhor morgado, nevoas que precedem a ante-manhã d'outra vida.

—Não deve de ser essa a philosophia que lê nos seus poetas latinos. Como sabe, dei-me pouco a destringar as difficuldades de Virgilio e Horacio; mereceu-me mais attenções o Cornelio Nepos.

—Porque é incomparavelmente mais facil—atalhou o padre por amor á poesia classica do Lacio.

—Chame-lhe mais facil ou mais chilro; não faço questão de palavra. O que sei é que, ainda

assim, não me dava muito bem com a declinação dos casos.

—Embaraços de quem começa.

—Má vontade de quem não precisa de começar.

—Ou isso...

—Mas se me não engano, o seu Horacio e o seu Virgilio eram dois grandes maganões, que costumavam ceiar a miúdo com aquelle ministro romano, que se chamava... que se chamava...

—Mecenas, o ministro d'Augusto—atallhou padre Domingos.

—Exactamente: Mecenas. A minha memoria não é das mais felizes e padre Domingos bem o sabe. É por isso que sempre embirrei com a historia que me quiz ensinar. Achei-a, desde pequeno, uma sciencia de nomes e datas.

—Sendo assim, senhor morgado, para quem não faz questão de palavras, é inutil o estudo da historia...

—Bravo, padre Domingos, bravo! Graças a Deus, que já o vejo de melhor humor.

—São clarões que illuminam a momentos um céo escurro.

—Grande tempestade lhe vai então na alma, padre Domingos?

—Sombras da velhice, senhor morgado. Não ó disse eu, ha pouco!—E continuou, como que desejando mudar o rumo ao dialogo—Já se não lembra então do que diziam Horacio e Virgilio? Qual lhe parece a philosophia d'elles, senhor morgado?

—A philosophia dos seus poetas, padre Domingos, salvo o erro, era a philosophia lasciva dos grandes prazeres. Não lhe quero agora aconselhar desvarios improprios da sua posição, da sua idade e sobre tudo da sua dignidade, padre Domingos. Todavia desejava que fosse jovial á mesa, que se risse, que tomasse parte immediata nas festas da casa e que se mostrasse mais alegre do que me parece.

—Verdade é, senhor morgado, que a musa romana se resentia mais ou menos da philosophia d'Epícuro. Nem isso admira. A poesia d'um paiz deve de representar os sentimentos do povo. E assim é. A *Iliada*, de Homero, personifica em Achilles o genio bellicoso da gente hellenica nos tempos heroicos da Grecia. Os *Lusiadas*, de Camões, personificam em Vasco da Gama o genio descobridor do povo portuguez, n'aquelle felicissimo tempo que raion para estes reinos. O povo romano saliu d'uma horda de salteadores e costumou-se, desde a nascença, a espoliar, a ganhar, a vencer. O senhor morgado sabe que a soldadesca usa ser livre nos remansos que se seguem á carniceria. Roma foi crescendo e a devassidão cresceu com Roma. É a devassidão que extingue a realza, é a devassidão que aniquila o ultimo triumvirato, é a devassidão que faz desabar o imperio. Aqui tem a lição de Roma, senhor morgado. Morreu como nasceu: devassa. A lyra d'este povo, de tal modo acalentada e educada, devia de ser licenciosa e era-o. Todavia podem-nos encantar as bellezas da poesia

romana sem aprendermos d'ella a corrupção. N'isto é que eu não tenho biôcos, senhor morgado. Gosto até de conhecer o mal e o bem para fugir d'um e abraçar o outro, quando os topar a ambos no caminho da vida.

—Que eloquencia, padre Domingos, que eloquencia! Fez-me lembrar agora d'aquelles bons tempos em que me ensinava latim com grave sacrificio da minha paciencia e da sua... também. Não era assim, padre Domingos? Bons tempos, bons tempos! Delicio-me agora com estas recordações e bom é que o faça, porque não sei bem se, d'aquí a pouco, os enuidados da familia me deixarão tempo para estas coisas. É verdade, padre Domingos. Tem d'ir a casa de minha prima Ricardina. Desejo que meu tio determine dia para o casamento...

—Sempre se realisa então, senhor morgado?

—Dúvidas só as podia ter o padre Domingos, que é um espirito fraco e vacillante;—um homem que não derruba um ninho!

—São modos de vêr—replicou o padre.

—Pois vá-me lá—continuou o morgado.—Vá-me lá. Diga a meu tio que não posso ir eu mesmo, porque esta azafama que vai em toda a casa está pedindo o meu constante vigiar. Tome o seu café e vá.

—Irei, senhor morgado, irei—respondeu o padre, erguendo-se da mesa do jantar.

IV

Foi padre Domingos ao solar dos Noronhas desempenhar a missão de que o incumbira o morgado de Saneta Eulalia. Foi e encontrou Ricardina, sentada n'um dos bancos de pedra, que guarneciam o lago do jardim. Tinha a desditosa menina o rosto escondido entre as mãos e via-se-lhe arquejar o seio violentamente. Padre Domingos queria fallar-lhe e não ousava. Ricardina, porém, como ouvisse agitarem-se as folhas da roseira proxima, a que se tinha encostado o padre, erguen subitamente a cabeça. Deu com os olhos chorosos em padre Domingos e apostrophou:

—Ainda bem que não é meu pae! Posso chorar á vontade...

—Chore, senhora D. Ricardina, chore, porque eu comprehendo as suas lagrimas...

Ricardina entre-abriu os labios n'um instantaneo sorriso d'agradecimento e convidou o padre a sentar-se ao lado d'ella.

—A que vem, padre Domingos? Seja franco para comigo.

—Venho saber, por ordem do senhor morgado, qual é o dia marcado para o casamento. Venho, porém, com a dôr no coração, minha senhora. Diz-me uma voz interior que grandes desgraças vão cahir sobre o Paço de Saneta Eu-

lalia. Depois que entra por uma porta a ambição, sahe por outra a alegria: é o que está succedendo lá em casa. V. exc.^a tinha direitos para gosar a felicidade, que sonhava o seu coração; e o pobre senhor Fernando Tavares não merecia também que o despenhassem tão do alto das suas esperanças...

—Tem-n'o visto, padre Domingos?—interrogou precipitadamente Ricardina.

—Vi-o e fallei-lhe, poucos dias ha. Pareceu-me verdadeiramente desgraçado...

—E é. Pobre Fernando!—murmurou Ricardina—E é. Meu pae postou criados de confiança a todas as portas. Não encontron um no portão da entrada?

—Lá o vi, minha senhora.

—Lá devia d'estar a olhar com os cem olhos d'espião. Pessoa que não seja de Sancta Eulalia, não entra. Deu motivo a esta vigilancia a appareção d'um mendigo que, ha dias, instou por fallar comigo com o pretexto de me pedir esmola.

—E esse mendigo era...?

—Um homem que me trouxe uma carta de Fernando—disse Ricardina abaixando a voz.—Queimei-a, padre Domingos, depois de a lèr, de a relêr, de a decorar. Se meu pae a visse, matal-o-ia. Oiça, meu padre, oiça. Dizia assim:

«Ricardina. Creio no teu amor como creio em Deus. Vejo-te de longe a luctar entre a prepotencia de teu pae e a ambição de teu primo e não te posso salvar, pomba querida, d'esse

dilemma infernal com que te despedaçam o coração. Para onde quer que lugissemos, havia de correr atraz de nós a tyrannia, a perseguição, a crueldade e havíamos d'ouvir por toda a parte os clamores da justiça, que seguiria atraz de nós, provocada por teu pae... Depois o escarneio da sociedade cahiria sobre mim, porque tu és muito rica, muito opulenta, muito nobre e todos veriam no meu amor,—excepto tu, bem sei,—a tentação que leva o homem a praticar um roubo. E depois as tuas lagrimas valem mais do que tudo isso! Como tu não havias de chorar, quando ouvisses trovejarem-te nos ouvidos as primeiras palavras de maldição paterna! Não, Ricardina, não, não has de chorar de remorsos. Tu ficas no Paço de Sancta Eulalia, mimosa no leito de teu primo e bem querida de todos. Eu vou-me por esse mundo além, fugido dos homens, a pedir á arvore mais copada da serra, que estenda ao longo do caminho sete palmos de sombra onde possa dormir o somno eterno. Mas que somno, Ricardina! Adormecerei no repouso da morte, sentindo no coração as garras do ciúme. E tu sabes o que é o ciúme, Ricardina? É a perdição, o desespero, a loucura. Emprestei ao morgado de Sancta Eulalia, pouco ha, os *Ciúmes do bardo*, de Castilho. Quiz mostrar-lhe intencionalmente o que é o ciúme, essa labareda infernal do coração. Ai do biltre, se não comprehendeu esse livro e mandou preparar de cambráia e rosas o leito que te aguarda na noite do noivado... Adeus, Ricardina. Vêr-nos-hemos no

céo, se Deus sabe perdoar aos martyres do amor.
Adens.

FERNANDO.»

—Tremo por elle, senhora D. Ricardina—balbuciou o padre.—O final d'essa carta deixa entrever um estado doloroso d'excitação...

—Olá, padre Domingos, olá!—gritou de longe Sebastião Noronha, pae de Ricardina—Venha cá, homem. Não me gaste o tempo todo em comprimentos á noiva. Deixe isso para depois.

Padre Domingos obedeceu á voz do fidalgo, apertando a mão de Ricardina e deixando fugir, muito a medo, estas palavras:

—Que Deus olhe por nós.

O que se passou entre Sebastião Noronha e padre Domingos, não se sabe. O que é certo é que o capellão do Paço de Sancta Eulalia sahira triste e pronunçando distrahidamente, de momento em momento, estas palavras:

—D'aqui a tres dias, d'aqui a tres dias...

Entrou em casa e teve conferencia com o morgado. Depois veio para a janella do seu quarto esperar as andorinhas, com os olhos absor-tos nas chammas que principiavam a purpurear o occidente.

Pouco tempo tinha decorrido, ouvin padre Domingos um chilrear festivo de passarinhos, a distancia, que o fez estremecer e levantar subitamente a cabeça.

Eram ellas, as andorinhas, que chegavam em tropel. Vinham alegres como um batalhão

que volta da campanha. iam ficando algumas pelos sitios seus conhecidos, quando viam ondular em baixo as comas das suas arvores dilectas. Vinha aproximando-se a tumultuosa caravana e ao passar com a rapidez do vento pelo Paço de Sancta Eulalia, duas andorinhas se apartaram, batendo as azas em direcção ao portal da quinta.

—São ellas!—murmurou o padre gelado de medo.

E eram. Era o casal que voltava a procurar a sua habitação antiga. Quando as duas andorinhas deram pela falta do ninho, começaram a esvoaçar de lado para lado, com o desespêro de quem vê aproximar-se a noite sem ter um tecto hospitaleiro que lhe dê guarida. Gastaram n'isto alguns momentos. Depois lá foram pelo céo fóra, á procura de nova casa, soltando uns pios doloridos.

—Bem disse eu—pronunciou padre Domingos de si para consigo.—Desgraça certa. Bem disse eu.

V

Tres dias depois das scenas descriptas no anterior capitulo, celebrou-se na capella do Paço de Sancta Eulalia, ao fim da tarde, o casamento do morgado com Ricardina.

Concorreram á festa os mais nobres fidalgos de sete leguas em redor e era muito para admi-

rar o vê-los apearem-se garbosos á porta do Paço, coalhada de camponezes. Celebrou-se o casamento, como disse, na capella da casa, cuja entrada era ladeada, da direita e da esquerda, por alas de criados e raparigas do campo. Quando a noiva sabia da capella, com os olhos embaçados de pranto, pelo braço do morgado, as pobres camponezas fizeram-lhe cahir sobre o véo alvissimo uma chuva de flôres. Ricardina, ao sentil-as, pareceu despertar d'um longo somno para uma horrorosa realidade. Soltou um grito estridulo e cahiu desmaiada nos muitos braços que se estenderam para amparal-a. Levaram-n'a á pressa para o leito e rodearam-n'a de cuidados. Passados momentos, Ricardina voltava a si e adormecia prostrada n'um somno profundissimo. As festas, interrompidas por este incidente, recommçaram e o morgado de Sancta Eulalia veio debruçar-se n'uma das janellas do Paço para lisonjear os camponezes, que armavam danças no terreiro. Vinha subindo a lua, a esse tempo, de traz das arvores verde-negras da quinta.

Havia alguns momentos que o morgado estava á janella, quando estalou subitamente no ar a detonação d'um tiro e vibrou doloroso um grito agudissimo. Era o morgado que tinha cahido, no pavimento da sala, ferido de morte. A turba dos camponezes invadiu de roldão a entrada do Paço e espraou-se curiosa ao longo das salas, em vez de procurar nas sombras da quinta o emboscado assassino. Na turba dos camponezes vinha um

homem que não tinha assistido á festa: era Fernando Tavares.

O desventuroso moço, com o olhar chammejante e o cabello desgrenhado, correu precipitadamente todas as salas como á procura d'uma pessoa que ainda não tinha visto. A pessoa que Fernando Tavares procurava era o capellão da casa. Quando o viu, á entrada d'uma sala, soltou uma gargalhada sècca, que era indicio claro de loucura e pronunciou estas palavras com um desvairamento indomavel:

—Matei-o, padre, matei-o.

—Deus meu!—exclamára o padre com os olhos rasos d'agua—Era certa a desgraça! Era certa a desgraça! Chegaram as andorinhas...

Porto—julho de 1869.

UM ANJO

A Margarida era, n'esse tempo, a flôr dos namorados d'aldeia.

Requestavam-n'a muitos e só um tinha a preferencia; o escolhido era o Luiz, de Travanca. Era e é. Hoje, oito annos depois do seu casamento, a Margarida, que ainda está uma fresca mocetona, ama-o com os extremos apaixonados de uma esposa carinhosa. O Luiz vi-o hontem. Está bem conservado.

Cuido que um beijo da mulher lhe basta para dissipar qualquer nuvem com que o horisonte se enturbe. Mas se lhe fallarem da filha, da Izabelita que lhes morren, ha dois annos, o Luiz enternece-se a lagrimas e pede pelo amor de Deus que lhe não fалlem mais d'ella. A morte da pequena, da minha afilhadita, foi inquestionavelmente o primeiro desgosto que entrára fundo n'aquelles corações amantissimos de paes. Se foi! Os outros dissabores passam por elles e não deixam vestigio; este deixou-o de lagrimas!

A Margarida era, pois, ha oito annos, como en ia a dizer, o aijesu do logar. Os rapazes faziam-se encontrados com ella, á volta d'umaquelha, só para terem a felicidade de fallar-lhe.

E o caso é que ella se quedava de boa sombra a ouvil-os. Não havia moça mais palreira em toda a freguezia; mas tambem ainda se não viu rapariga mais fiel ao seu namorado.

Os rapazes tomavam-lhe o passo e fallavam-lhe; ella quedava e ouvia-os.

Conversavam da romaria que estava proxima, do serão em casa de fulano e da esfolhada em casa de sicrano. Mas se alludiam ao abraço que lhe déra o Luiz, de Travanca, quando achou o *milho rei*, Margarida voltava-lhes as costas e despedia-se ligeira com o pretexto d'ir segar milho ou lavar á prêsa.

Os pobres moços ficavam-se de cara ao lado, e pasmavam d'aquillo.

Um dia espalhou-se n'aldeia que a Margarida ia casar definitivamente com o Luiz.

Os rapazes acreditaram e entristeceram-se.

Acertou, porém, de haver uma esfolhada por aquelles dias e a Margarida teve convite e aceitou-o. Lá appareceu ella com toda a sua alegria do costume.

Os serandeiros estavam receiosos de fallar-lhe; a Margarida, porém, desaliava-os á palestra. Era isto n'um sabbado, á noite. Depois da esfolhada, começou a dança em plena eira. A Margarida bailava perdidamente; nunca a viram tão alegre!

Ao outro dia... leu-se na igreja o primeiro banho e d'ahi a um mez certo celebrou-se o casamento.

Como os noivos eram felizes!

A Margarida fez-se mais trabalhadeira e não menos alegre; o Luiz revia-se n'ella e julgava-se o mais feliz dos homens!

Nem eu sei que haja maior felicidade do que esta, este abraçar-se de duas almas irmãs, que vivem contentes uma da outra, que não se importam do mundo... que até não sabem se o ha!

Como estou agora na aldeia, deixo-me convencer d'esta verdade: a felicidade está em toda a parte.

Quantas existencias se não deslisam suavemente n'esta vida socegadissima do campo!

Chega para viver aqui uma choupana; não é preciso mais.

Da jaqueta do lavrador ao *frak*, vai um abysmo.

O camponez gasta exactissimamente aquillo de que precisa; não lhe chega o dinheiro para superfluidades. De que lhe serviam umas abas de panno cosidas á ourella da jaqueta? Faziam-n'o gastar mais e estorvavam-n'o no trabalho.

A camisa não se engomma.

Para quê? Lava-se simplesmente. Na limpeza é que está o azeite do corpo e no azeite do corpo o respeito de nós mesmos. Satisfazem cabalmente. A vida ociosa da cidade traz a necessidade d'um homem se divertir com alguma coisa, quando sahe a passeiar.

Com que se ha de, pois, distrahir um ho-
mem?

Leva a bengala na mão para florear com ella.
Hoje leva-se a *badine*, que é uma especie d'es-
quirola extralida da bengala...

O lavrador, quando sahe, leva consigo a en-
xada; nada mais.

Se tem de se apegar n'uma ladeira, abordo-
a-se n'ella; se tem d'encarregar uma agua que an-
dava desviada da prêsa, não precisa d'ir a casa.

Duplicada commodidade a da enxada!

E acham que elles não vivem felizes?

Muitos dos lavradores d'aqui nunca foram ao
Porto e não lhes peza isso.

Se ali fossem e vissem uns homens de luva
côr de flôr d'alecrim, direitos como um cypres-
te e de chapéo á *benoiton*, mandavam dizer á fa-
milia que já lá tinha começado o carnaval e...
que não achavam grande coisa.

Por fim de contas o systema d'elles parece
o unico racional!

Vamos, pois, em sancta paz com lavradores
e cidadãos, á nossa historia.

Uma filhinha, galante como poucas creanças,
foi o complemento da felicidade conjugal de Luiz
e Margarida.

Estonteavam d'alegria os ditosos paes!

—Uma mulher que não tem ainda filhos—
dizia o Luiz—tem uma divida em aberto para
com o homem. Quando uma pessoa se casa, vai
buscar familia; e onde não ha filhos, não ha fa-
milia.

D'aquí se infira o contentamento do Luiz!

Por essa occasião cheguei a Villa Verde e fui convidado para padrinho da pequerrucha.

É de notar que foi um obsequio que o bom do Luiz me quiz fazer; suppunha elle, que ser padrinho da sua filhinha, que tão bonita nasceria, era um contentamento para qualquer.

Eis aqui ainda uma felicidade dos paes, que não deixa de fazer inveja!

Baptizou-se a pequena e chamou-se Izabel, em obsequio á avó materna, que foi madrinha e tinha o mesmo nome.

Crescia a creança e cresciam as graças com ella!

Diga-se em verdade:

Poucas creanças levavam as lampas, n'aldeia, á minha afilhadita! Começava eu até a sentir-me obsequiado com o convite do Luiz, attenta a formosura da pequena!

No outomno, quando eu chegava a Villa Verde, a raparignita surdia de qualquer parte a pedir-me a benção e a chamar-me *senhor padrinho*. Ha tres annos, porém, comecei a estranhar o amarellido doentio da pequena e vi que os paes se inquietavam tambem com isso.

Os olhos de Margarida e de Luiz choraram as primeiras lagrimas de dôr, que d'alegria muitissimas tinham chorado já!

Regressei ao Porto e não soube mais da pequena.

No anno seguinte voltei a Villa Verde, e,

como não visse a Izabelita, perguntei por ella. Responderam-me com lagrimas.

A pequenita tinha morrido!

E faz uma pena saber que as creanças morrem! Quem ha ali que resista, d'olhos enxutos, á impressão dolorosissima de vêr, desfeita no chão, uma casinha de musgo ou folhas sêccas onde um pardalsinho se tinha ido aninhar e que, momentos antes, balanceava no ramo de uma arvore da encosta?...

Pois o berço é tambem um ninho onde se implumam as aves do futuro; quando ellas morrem, fica vasio o berço e é como se se desfizesse a casinha verde d'um passarinho qualquer!

Pobres creancinhas! Quando morrem e passam para a igreja no seu caixãozinho vermelho, ficam dizendo as estrellas:

«Irmãsinhas, adeus! Quando a sombra d'um desgosto fazia noite no coração de vossas mães, ereis a unica estrellas, que lhes luzia na cerração interior. Agora morreis vós e quem sabe se nós morreremos breve... Um dia, se a mão poderosa do Senhor nos despegar d'este tecto de saphira, cahiremos na terra e converter-nos-hemos em lagrimas...»

E murmuram, ao mesmo tempo, as flôres do caminho:

«Pobresitas, adeus! Morreis como nós! A mão destruidora da morte roubou-vos ás caricias de vossa mãe, como o vento da tempestade nos rouba tambem á haste em que nascemos! Adeus, pobresitas!...»

E chilriam os passarinhos:

«Pobre irmãinha! Ainda foste feliz! Morreste a cantar e não chegaste a conhecer as aflicções do mundo. Se crescesses, haviam ellas de perseguir-te, como nos perseguem os homens, a nós, que lhes não fazemos mal nenhum! Vai em paz ao seio do Senhor...»

Morren, pois, a Izabelita; explicaram-me assim o caso da sua morte:

Uma manhã, chamou a pequenita pela mãe para lhe contar um sonho, que tivera de noite, dizia ella.

Acercaram-se a mãe e o pae e a Izabelita conton-lhes:

—Querem saber? Sonhei esta noite com a Senhora dos Remedios, que está no altar da igreja. Eu estava ao pé d'ella, cercada de muitos meninos bonitos, que me chamavam—irmã. E ouvia-se uma musica tão doce, que me fazia chorar d'alegria! Ah, minha mãe, como havia de gostar, se visse aquelles meninos todos a dançar á volta da Senhora! E querem saber uma coisa? Eu tambem dancei com elles! Se o meu pae e a minha mãe vissem, admirar-se-iam até!

Entrava o dia pela igreja dentro, quando eu de lá sahi. E a Senhora viu-me sahir e chamou-me outra vez para dizer-me:

—Vem cá, Izabelinha.

—Ó mãe, como é que Nossa Senhora sabe o nome a toda a gente?

—Eu sei, filha!—respondeu a pobre Margarida com os olhos brilhantes de lagrimas e com

o coração alanceado por um triste presentimento.

Luiz arquejava d'afflicção e inclinava-se todo sobre o leito da creança, como para ouvil-a melhor.

E a Izabelita continuou:

—Olhem que a Senhora disse-me que me vinha buscar esta noite, se eu quizesse ir com Ella para um lugar muito lindo. E disse-me também que fosse colher açucenas, porque queria que eu levasse flôres, para ir muito bonita e que vestisse a minha sainha côr de rosa, que a mãe me deu pelo Natal. E olhem que eu desejo vestir-me assim para fazer a vontade á Senhora...»

Foi um dia de lagrimas n'aquella casa. Margarida e Luiz sentaram-se á mesa do almoço com os olhos vidrados de pranto.

Encararam um no outro... e não puderam comer bocado!

A pequenita andava toda atarefada a colher as açucenas; os paes andavam a olhar para ella e nem podiam fallar.

Chegou a noite.

Izabelita estava acceiadiinha como um palmito!

E quiz dormir assim, a segurar cuidadosa n'um ramilhete d'açucenas, que tinha entre as mãos!

Luiz e Margarida velavam. Estiveram acordados até alta noite; depois, Luiz, querendo dominar com um esforço de homem um presentimento de pae, apostrophou a Margarida:

—Vai deitar-te, mulher. Tu nunca ouviste

dizer que os sonhos não valem nada? Olha a pequena como está a dormir descansada! E onve-se-lhe a respiração tão bem! Vai deitar-te, anda.

E como Margarida se deixasse ainda ficar, tornou-lhe o homem:

—Anda lá, que eu também vou. A gente ás vezes tem seismas... Anda lá...

E foram.

Na madrugada, Margarida acordou afflicta; levantou-se do leito em sobresalto e foi vêr a filha.

Achou-a a dormir. Quiz, porém, beijal-a e quando lhe tocou a face, recou de golpe.

Estava fria!

Margarida abriu a janella, chamando em altas vozes pelo homem.

Quando o sol entrou pela sala, Margarida conheceu que sua filha dormia para sempre e viu um rancho de borboletas brancas, que esvoaçavam sobre a pequena. As açucenas tinham emurchecido!

Não sei descrever-lhes a dôr de Margarida e Luiz; os corações de mãe hão de, porém, comprehendel-a.

Quizeram os desventurados paes que a pequenita fosse a enterrar vestidinha como estava; e foi.

Mandaram ao carpinteiro fazer um caixãozinho de pau. O armador cobriu-o de panninho vermelho e guarneceu-o d'espiguilha dourada. Estava tudo bem bonito!

E a pobre Margarida a chorar ao pé do caixãozinho da filha, e Luiz, do outro lado, a limpar as lagrimas ao canhão da jaqueta e a soluçar constantemente!

Quando anoiteceu, vieram quatro rapazinhos d'aldeia para levar a pequena.

A pobre mãe, coberta de lagrimas, rompeu n'este delirio:

—Oh! ide embora, ide embora! Quem vos ensinou a ser mans e a roubar uma filha a sua mãe? Com que direito m'a levaes, meus meninos? Ide em paz e dizei a vossas mães, que não sejam severas para commigo, porque a mesma desgraça lhes póde succeder amanhã. Eu nunca fiz mal a ninguem e nem tenho animo para isso. Deixai-me com a minha filhinha, meus meninos! Ella está fria, bem sei; mas os meus beijos hão de aquecel-a, verão...

E depois, como cahisse prostrada no regaço de Luiz, roubaram-lhe a filhinha n'um momento.

Quinta de Villa Verde, 18 d'outubro de 1868.

DOLDA PELAS ROSAS

I

—Não sabe? A Nini vai casar.

—Quando?—respondi eu.

—Casa para maio, que é o mez das rosas.

—E não sabe mais nada?

—Mais nada.

—Até á vista.

—Adeus.

—Olhe—tornei eu, chamando o alviçareiro.

—Se souber do dia marcado para o casamento, avise-me. Queria mandar á Nini um ramo de flôres.

—Fique certo. Adeus.

II

Nini era o diminutivo com que as pessoas mais intimas a costumavam chamar. O nome,

que lhe pozeram na pia do baptismo, era Leopoldina. Tinha ella mais quatro annos do que eu. Todavia, quando comecei a destrinçar as difficuldades litterarias do *D. João de Castro*, frequentava a Nini o collegio francez. Viamo-nos quasi todos os dias. Na primavera era quando eu mais gostava de vê-la. Entrava a Nini para o collegio com o seu grande chapéo desabado, de palha de Italia e o seu vestido de cassa branca com guarnições côr de rosa. O criado transportava na sacca de velludo carmezim a grammatica franceza e o *La Pluce* e a Nini precedia o criado, quasi sempre acompanhada d'alguma menina do collegio que encontrava no caminho, mas tambem quasi sempre afadigada com um ramo de flôres que distribuia pelas condiscipulas e pelas mestras.

A Nini tinha uma predilecção extrema pelas flôres e especialmente pelas rosas.

Muita vez lhe ouvi dizer:

—A rosa é a rainha das flôres.

A ideia não era nova, como sabem, porque já a poetisa de Lesbos tinha dito o mesmo, seiscentos annos antes de Christo.

A Nini, porém, sabia dizer isto com uma tão maviosa inflexão de voz, tão natural e tão ingenuamente que deliciava ouvil-a fallar da mais bolorenta velharia.

A Nini tinha razão.

A rosa é inquestionavelmente a primeira das flôres. Não se sabe ainda bem a historia da rosa, mas crê-se que era nma das flôres dos jardins de Semiramis e está fóra de dúvida que os gregos a entivaram, visto dizer Homero que eram da côr da rosa os dedos da Anrora.

Os romanos coroavam de rosas as estatuas de Venus e Flóra e averiguou-se que os casquilhos de Roma costumavam offerecer ás moças, namoradas as primeiras rosas que a primavera desabotoava.

Os turcos acreditam que o nascimento da rosa é devido a uma baga de snor de Mahomet e conservam a tradição de ser a flôr namorada do rouxinol.

Os romanos juncavam as ruas com rosas nas festas publicas, costumavam tapetar com ellas os triclinos dos seus faustosos banquetes e engrinaldavam d'estas flôres os cyathos a trasbordar de phalerno, porque Baccho amava as flôres, como disse Ovidio.

A rosa tem sido sempre a flôr dilecta dos poetas e das mulheres. Virgilio diz-nos que a bôca de Venus era de rosas e que as faces de Lavinia tinham a mesma côr que os labios da densa de Cythéra. Sei que desde Virgilio até hoje os poetas tem abusado da rosa nas suas

composições. Todavia o que fôr bello, embora seja commun, é sempre bello. O amor é de todos os dias e nem por isso deixa de merecer menos apreço. Se a esposa de Luiz XIII, por uma notavel aberração de gosto, tinha pronunciada antipathia por esta flôr, regosijemo-nos de vêr a princeza Clotilde, irmã da rainha de Portugal, toda vestida de galas e enfeites côr de rosa, n'um dos bailes das Tulherias; posto que lamente Alphonse Karr o vêr coroada de rosas contrafeitas quem tão mimosas as tem nos alegretes da patria.

Vivere in rosâ, dormire in rosâ. É assim que se deve viver e dormir! Ó Nini, quem sabe quantas vezes adorolecias tu confundindo os teus labios com as petalas da rosa?...

IV

Aos dezoito annos a Nini tornou-se scismadora. Ficava devaneando á janella, todas as noites, com os olhos cravados no céo, como se estivesse lendo poemas ethereos n'aquelle infinito azul. Enquanto que a noite não chegava, passeava Leopoldina no jardim, a namorar as suas rosas, se já tinham desabotnado, a trocar com as flôres palavras mysteriosas que ninguem mais entendia, porque sabiam dos labios d'ella em suspiros maviosos e viuham dos calices das flôres em perfumes suavissimos...

Leopoldina amava.

O coração materno é um ninho de pombas; é lá que se aprende a voar. Ninguém como Leopoldina tão estremecida pelas caricias de sua mãe e n'essa escola d'amor aprendeu ella a bater as azas para onde quer que a chamasse um sentimento sem macula. Além d'isso o coração, aos dezoito annos, é como o rouxinol que prefere cantar nos valles onde lhe possa responder um ecco. O coração é como o rouxinol: quer ouvir e responder.

E Leopoldina ouvia tambem protestos calorosos que sabia pagar com doces juramentos.

Coração, tu és como o rouxinol. Tens harmonias, quando o amor te dá inspiração. És o rouxinol que nos cantas no seio poemas dulcissimos.

Absorve-te nos teus poemas, coração...

V

Era um bom coração e uma nobre intelligencia o Frederico; eis aqui porque Leopoldina o amava.

Frederico era filho natural d'um velho capitalista d'America, que o mandára a Portugal doutorar-se em leis.

Deseimbarenu o moço brasileiro em terras de Portugal, saudoso das auroras esplendidas dos tropicos, das sextas calmosas que dormira na

rede, da natureza opulenta do novo continente, que era a sua patria e o seu berço. Frederico trazia o coração a trasbordar saudades da patria, da terra onde ficaram chorando por elle os olhos de sua mãe, olhos que lhe não deram nunca um raio de sol e d'esperança, de felicidade e d'amor, por isso que profundo mysterio envolvia o nome da mulher que lhe dera a vida.

Estava o moço em Portugal desamparado de affectos, que nunca tivera, longe das plagas da America e mal encaminhado para o futuro esplendido a que porventura chegaria, se alguém lhe dêsse esperanças e conforto e quizesse compartilhar das suas aspirações de gloria.

Foi então que Frederico viu e amou Leopoldina.

Como elle havia d'amar!

Já recolhestes no vosso lar por noite velha e tempestuosa o caminheiro exbausto a quem permittistes enxugar as vestes humidas ao rescaldo da fogucira?

Vistes a alegria com que elle se aproximou das chammas azuladas e côr de rosa que se levantavam da pedra do lar, em fórmias irregulares, crepitando suavemente? Ah! Então adivinhaes de certo com que intimos jubilos não buscaria Frederico o ineffavel concheço do primeiro seio que se abria para elle, o encanto irresistivel do primeiro sorriso que lhe davam, das primeiras palavras d'alegria que entravam na sua alma... Então comprehendeis de certo o amor de Frederico.

VI

Estava concluido o curso universitario. Tinha decorrido cinco annos d'estudo e de vigílias consumidos na esperança de chegar a possuir uma carta de bacharel.

Leopoldina fôra o anjo da guarda em tão longo tempo; morria d'amores por ella o moço estudante. Em toda a parte a via. Nas horas silenciosas do estudo, quando lhe entrava o reflexo saudoso da lua pela janella do quarto, via elle desenharem-se-lhe diante dos olhos os contornos vaporosos d'uma imagem phantastica que lhe parecia a de Leopoldina.

—Fada da noite—dizia elle de si para consigo—desceste do azul ethereo e vens, suspensa n'um raio da lua, enfeitar-me d'amores! Bem hajas tu, fada da noite!

Pelos sinceiraes do Mondego apparecia-lhe ella ás vezes n'uma nuvem de perfumes e harmonias que subia até se perder nas alturas confundindo-se, aos olhos de Frederico, com o véo azulado que toldava o mundo inteiro.

Foi d'estes sonhos d'amor que elle vivera. Chegára, pois, o momento de despertar de tão ineffaveis sonhos para uma realidade não menos venturosa.

A este tempo, porém, recebe Frederico uma carta do velho capitalista d'America que, ao sen-

tir cerrar-se-lhe a noite do tumulto, chama á beira do leito o filho que deseja legitimar com a benção paterna.

Era preciso partir sem demora. Mas Leopoldina?

Não havia tempo para pensar e o paquete estava para levantar ferro.

—Vai — disse Leopoldina a Frederico — vai assistir aos ultimos momentos do velhinho que é teu pae. Pede-lhe a sua benção para ti e... para mim. Não duvides de mim nem um instante, Frederico. A dúvida é o gèlo e o teu coração tem chammas. Já vês que o não pôde saltar a dúvida. Ama-me, Frederico, que eu fico-te esperando para o noivado. Ama-me.

VII

Pude vêr, depois do regresso de Frederico, o diario escripto desde o dia da partida até ao dia da chegada.

Copio ao acaso uma das muitas paginas do diario.

A bordo do *Extremadure*, ás 9 horas da noite.

«O mar é tamanho como a esperança do homem, Leopoldina. Nunca o mar descansa nem o coração deixa d'esperar. Quando uma espe-

rança se apaga, vem outra; quando uma vaga expira, outra rebenta. O homem luta com a esperança como luta com o mar. Às vezes uma onda absorve o hatel, mas outra onda o restitue á praia. Ai do homem que não tem forças para lutar! Tenho a esperança de que has de ser minha, Leopoldina. Se me não acalentasse tal esperança, entregava o meu corpo a uma vaga para que outra vaga restituísse o cadaver, ámanhã.»

À meia noite.

O relógio da camara bateu doze badaladas. Todavia parece-me que estou vivendo uma vida eterna.

Dizem que o tempo é medido pela successão dos acontecimentos, o tempo finito, que principia e ha de acabar. No mar é tal a uniformidade dos acontecimentos, a regularidade dos movimentos, a monotonia dos horisontes, que nos chega a parecer o tempo immovel como a eternidade.

Amanhecemos hontem no mar largo, cercados de montanhas d'espuma, descobrindo vastissimos horisontes. Hoje, quando rompeu a aurora, parecia estar o paynete no mesmo sitio e á vista dos mesmos horisontes, apesar da chaminé fumegar constantemente e de ternos galgado uma boa porção de milhas.

O tempo aqui parece-me sem fim e lá, ao pé de ti, Leopoldina, como as horas se escoam ra-

pidas em sonhos d'amor e em devaneios de felicidade...

Não te esqueças de mim, Leopoldina.»

VIII

Regressára Frederico depois d'uma ausencia d'um anno. Vi-o chegar.

Trazia a alegria no rosto e a felicidade no coração. Quando apertava a mão de Leopoldina, dir-se-ia que tinha enlouquecido de júbilo. O velho capitalista d'America, ao despedir-se do mundo, abraçou Frederico e abençoou de longe Leopoldina.

Foi no momento sollemne do passamento que o moço bacharel ouviu pronunciar pela primeira vez o nome de sua mãe. Estava ainda viva. Era uma senhora brasileira que o velho capitalista desposou á hora da morte.

—Mas de conhecee-a, Leopoldina—dizia Frederico—e verás que riqueza de sentimentos entesourada n'aquelle coração. Casaremos em maio, que é o mez das rosas, as flôres tuas dilectas. Partiremos depois.

—Pois sim, partiremos—respondia Leopoldina.—Viverei feliz onde tu estiveres. Quero abraçar tua mãe e mostrar-lhe que tu, longe d'ella, tiveste um seio amigo onde reclinasses a fronte. Partiremos, Frederico.

IX

Vai ha um anno. Na vespera da partida do paquete e vinte dias depois do casamento, entregava eu a Leopoldina um *bouquet* de rosas d'Alexandria.

—Ah!—disse ella, ao vêl-as—Não se esqueceu de mim. Obrigada, meu amigo, muito obrigada.

—Era justo, minha senhora—tornei eu.—Sei que a mulher conserva ainda as predilecções da creança.

—E conserval-as-hei sempre. Quando se é feliz, como eu sou, não ha motivo para esquecer as flôres. Obrigada, meu amigo, obrigada. Praza ao céo que seja muito feliz.

—Oíça-a Deus, minha senhora.

E depositei-lhe nas mãos delicadas o *bouquet* de rosas d'Alexandria.

Porto—junho de 1869.



MORRER A VALSAR

Estamos no solar dos fidalgos de Sancto Adrião, em dia d'annos da morgada, senhora quarentona, que, á similithança de seu marido, passa n'este mundo sem deixar de si lembrança de meia duzia de bagatellas para uma historia qualquer. Não é, pois, d'estes fidalgos que nos vamos occupar. Esplende o solar de Sancto Adrião, *toda por dentro e fóra illuminado*, sobranceiro ás veigas extensissimas, que se lhe deitam aos pés e que a primavera de 1867 começa a enflorar alegremente.

Pela porta envidraçada, que abre sobre o terraço, espreitemos para a sala do baile e deliciemos olhos e ouvidos no vertiginoso revolutear das valsas e nas ondulações da harmonia, que se espraia ao longo da casa e vão murmurando festivamente por essas pradarias além.

Está alli, no solar de Sancto Adrião, a flôr da fidalguia beirôa. São muito para admirar as gentis valsistas que se requebram nos braços dos

garbosos morgados e passam no redemoimbo da dança, toucadas de rosas e cobertas de perolas, que são as rosas do mar. Referve estrepitosa a valsa e, n'este momento, sahem para o terraço, de braço dado e conversando affavelmente, Alfonso Briteiros e Jeronymo Valladares.

Escondamo-nos n'uma das sombras do terraço e prestemos ouvidos ao dialogo dos dois fidalgos beirões, dialogo que se me antolha interessante a julgar pelo espirito faceto d'estes dois cavalheiros da provincia.

—Queres um charuto, primo Briteiros?—disse Jeronymo Valladares, puxando da charuteira de madreperola e abrindo-a diante do outro.

—Sabes que não fumo, primo Valladares e que sou persistente nos meus habitos. Agradeço mas não quero.

—Anda lá, homem, fuma. Uma noite de baile é uma noite de festa em que a gente deve despir a sua individualidade rotineira para reinoçar por algumas horas n'este jardim de suavissimas fragancias.

—Não quero, primo Valladares, positivamente não quero. Detesto o tabaco como detesto a valsa. Os pastores de Virgilio não fumavam e foi por isso que nenhum d'elles chegou a morrer... envenenado. Já houve um papa que lançou excommunião a quem cheirasse tabaco nas igrejias e teve razão que farte. O uso do tabaco é um suicidio lento e seria crime imperdoavel o praticar-se em logar sagrado. Que de consequencias morbidas provenientes do uso do tabaco!

—Do uso, não, primo, do abuso. Eu fumo sobriamente e não me sinto prejudicado com isso. Pelo contrario. Acho que o uso do tabaco facilita consideravelmente o desenvolvimento da potencia pensante.

—Queres dizer com isso que te sentes intellectualmente melhorado... Admiro a modestia, primo Valladares!

—Não *faças espirito*. Tenho contra mim o fumar pouco, bem vêes. Senta-te e conversemos placidamente. Temos aqui á nossa disposição estes graciosos canapés de cortiça, que aformosentam consideravelmente o terraço.

—Conversemos. Estou aqui bem melhor do que na sala. A valsa tem para mim o unico merecimento de me fazer dormir. É uma semsaboria que detesto. Nunca pude comprehender a delicia proveniente da valsa, este doidejar pernicioso, que se não justifica de maneira alguma e que tem o cunho selvagem das bacchanas romanas.

—Não é tanto assim. Eu gosto da valsa, d'este febricitante ondular de borboletas, que se espanejam ao longo das salas no turbilhão veloz. Gosto da valsa, primo Briteiros. A nossa alma é como o oceano, que, nas marés gigantes, se não tem extensissimos areas por onde a belleza se espreguice, investe arrogante contra as ribas escarpadas que se levantam aos ares diante d'elle. N'uma noite de festa parece que nos não cabe a alma dentro em nós: é o plenilunio do enthusiasmo, do delirio. Então é que o

mar dos nossos sentimentos trasborda e precisa d'espraiar-se. O corpo cede á influencia da vertigem interior. N'esses momentos de suprema felicidade é que a valsa é um doidejar sublime, um alar-se a gente para outros mundos, um borboletear alegre nas ondulações da harmonia. Ha naturezas tão delicadamente sensiveis, que se deixam arrastar pela vertigem da valsa até ao supremo cansaço, ao desfallecimento, á morte. Lembra-me contar-te agora a historia lamentosa d'uma valsista notavel.

—Conta lá, primo Valladares. Quero ver até onde chega o excesso do romanticismo lá por fóra. N'estes abençoados reinos de Portugal sei eu que ha muitas imaginações derrancadas pela leitura perniciosa d'uns certos livros resabiados de sabor nocivo, que, actualmente, se dizem—romanticos.—Do estrangeiro sei pouco a este respeito e acollo de boa sombra os teus informes. Conta lá...

—O que tu deves querer saber, primo Briteiros, é até onde nos póde levar um temperamento perigoso. Deves saber isto, para que possas agradecer á Providencia uma flengina inalteravel com que te quiz obsequiar. Ora ouve. Tu, primo Briteiros, que detestas as imaginações *romanticas* com uma pertinacia igual, n'este caso, á de D. Francisco Lobo, bispo de Vizen, poderás conceber o que será uma festa esplendorosa, onde as mulheres teem uma formosura etherea como os anjos e desmaiam na valsa até á pallidez marmorea das estatuas?

—Conceberei.

—Muito bem. Imagina agora, se podes, uma d'essas mulheres formosíssimas, que nós presentimos aproximar-se pelo fremito das saias e por uns olhares curiosos que de todos os lados a esperam, como as andorinhas e os rouxinoes esperam a chegada festiva da primavera. Imagina-a ainda vestida de côr de rosa, para que mais possa enganar os rouxinoes e as andorinhas da sala:—os namorados e as *coquettes*.

Arredonda-lhe o seio e vela-lh'o com rendas finissimas de Bruxellas até onde não permite o pudor que os olhos alcancem. Sobre o relevo das rendas, que estremecem com o arquejar do seio, engasta delicadamente uma camelia de Constantino, tão perfeita e recendente, que poderia enganar as borboletas... Do relevo para cima, deixa o collo a descoberto para que os olhos, namorados de tamanha alvura, possam adivinhar o que anda recatado na espuma das rendas, o *quod intrinsecus latet*, dos *Canticos* de Salomão.

Polvillia finalmente as tranças doiradas de uma chuva de perolas, á semilhança das nereidas, essas creações esplendidas da poesia pagã. Agora envolve esta imagem etherea n'uma nuvem de sons e perfumes e fal-a apparecer no salão recamado de flôres e coberto d'espelhos como o sol do estio que entra por uma floresta dentro, inundando-a de luz, d'alegria, de vida...

—Bellissimo, primo Valladares! Estou a pique de me enthusiasmar pelos romanticos e pelo romanticismo...

—Ouve, primo Affonso. A nossa concepção é verdadeiramente um mytho e reúne á formosura etherca um temperamento delicadissimo. Dil-a-ias a sensitiva, que precisa de sol para viver. Abre, porém, o salão de baile, n'uma noite de festa, desencadeia o vendaval da harmonia, desceerra as urnas dos mil perfumes orientaes, enche a casa de lumes e flôres e deixa-a depois espanejar-se, a ella, á nossa visão, como borboleta que brinca, doidejando, entre os alecrins do canteiro.

A valsa para ella é a felicidade suprema, o ante-gosto d'outra vida. Se tivesse duas azas brancas com que pudesse subir a conversar com as estrellas, não voaria mais, de certo, nem mais ligeira, nem mais tentadora. É uma valsista infatigavel como poucas e formosa como nenhuma.

Aqui tens, primo Affonso Briteiros, a nossa imagem, como eu a sonhei e tal qual devia de ser. Nota que estamos na Austria...

—Na Austria, primo Valladares! Não estava prevenido para a viagem e confesso que me sobressaltou a surpresa! Todavia se as mulheres austriacas correspondem a esse ideal de belleza que tu sonhaste, vamo-nos lá nas muito boas horas, primo Jeronymo...

—É pois certo que estamos na Austria e n'um dos mais esplendidos bailes do mundo. Tem-se valsado perdidamente e interrompe-se agora a vertigem da dança, porque se vai abrir a sala da ceia, uma sala deslumbrante onde parece dever servir-se o nectar dos banquetes olym-

picos. Reserve nas taças doiradas o vinho generoso de Tokai. Reflecte-se nos mil crystaes da sala o brilho esplendoroso dos candelabros, que pendem dos florões do tecto em numero infinito.

As mulheres chilream alegremente umas com as outras e os moços namorados segredam mysteriosamente ao ouvido das suas amantes palavras amorosas.

Começam a levantar-se da mesa os primeiros convidados e ou voltam á sala do baile, ou descem pela escada tapetada até ao atrio onde os está esperando a carruagem.

A nossa fada ia a retirar-se depois da ceia, pelo braço do esposo, quando eccoou de repente por toda a casa a musica voluptuosa d'uma valsa.

—Porque me não tinhas dito que era casada a heroína do teu conto, primo Valladares?

—Para quê? Dar-se-ia o caso de te haveres namorado d'esta visão seductora? Eis-te romantico, primo Briteiros e o romanticismo aos trinta annos é uma molestia sem cura!

—Dize lá o resto.

—Continuarei. A nossa gentil valsista não pôde resistir á tentação da musica e, soltando-se da capa d'arminhas em que se envolvia, deixou-se calir nos braços do cavalheiro, que a tinha convidado.

Reaccenden-se o enthusiasmo, o delirio, a loucura! As formosas austriacas, poisando os seus *bouquets* no marmore das mesas, atiravam-se, ebrias d'alegria, ao marulhar da valsa, como a

um oceano revolto. No momento porém em que a música attingia a maxima celeridade, sentira o cavalheiro pender-lhe mais languidamente nos braços a gentil valsista e, quando quiz continuar a acompanhar a vertigem da orchestra, tinha um cadaver abraçado. Vibrou em toda a sala um grito doloroso, que soltára o cavalheiro austriaco.

Emmudeceu instantaneamente a tempestade e affniu á volta d'elle a gente que enchia o salão. Resta-me dizer-te agora que o esposo d'esta desventurosa dama, Teschenberg, director da *Gazeta de Vienna*, enlouquecera n'esse momento.

—Desçamos aos jardins, primo Valladares. A tua historia entristeceu-me e não me sinto com grandissima disposição de entrar na sala.

—Desçamos pois e fica de sobre-aviso para não zombares do romanticismo, quando te contarem historias como a da desventurosa esposa do director da *Gazeta de Vienna*.

—Pobre anjo, que morreu a valsar!—concluiu Affonso Briteiros.

Porto—julho de 1869.

NA VESPERA DE S. JOÃO

Ha uma noite no anno em que o relento põe virtude ao corpo: é na vespera de S. João. Ninguém, n'esta noite, se teme da viração, ninguém se arreceia do orvalho. Os velhos e as creanças não teem somno e dão-se as mãos amigavelmente. As raparigas sahem para a rua, porque as está namorando de fóra o clarão das fogueiras e porque é de tradição apanhar as orvalhas da meia noite. Ninguém deixa de ser desenvolto, para que não pareça triste. É preciso ir saltar as fogueiras e colher as aleachofras. E depois é indispensavel que, ao bater da meia noite, vão as raparigas beber um gole d'agua á fonte decantada onde as está esperando o sancto; — fonte cujas agnas teem o brilho esplendoroso da prata, como diz a tradição:

S. João por vér as moças,
Fez uma fonte de prata.

Estremece o coração de júbilo e de incerteza, n'esta noite. Qual será o namorado preferido pela sorte? Lá ficou, no peitoril da janella, o copo d'agua coalhado de bilhetinhos mysteriosos. Cada bilhetinho tem uma palavra; cada palavra é... um nome. Ao nascer do sol, ha de estar aberto um dos bilhetinhos; o nome que elle contiver, será o nome do esposn.

Ningnem se deita n'esta noite para que o somno o não prastre ainda ao repontar d'auro-ra. Quem tem cuidados não dorme e é preciso ir á janella recolher o copo d'agua, mal que o sol aude fóra...

Era tambem n'esta mesma noite. Para além da igreja d'aldeia, ha uma alameda copada.

A lua doirava as cimas do arvoredado e illuminava poeticamente o quadro. Os rapazes d'aldeia tinham-se deitado na relva a tanger as suas violas e a cantar as trovas da noite. As raparigas, despeitadas talvez da indolencia dos namorados, bailavam de mãos dadas, cantando, á volta da laranjeira secular que determina o centro d'alameda.

—Vêde que vos cansaes—disse um camponez, dirigindo-se ás raparigas e fazendo parar a roda.—Tendes bailado toda a noite; d'aqui a pouco é sol nado.

—Bem hajamos—tornou-lhe uma.—Os rapazes da freguezia teem quebranto nos joelhos. Deu-lhes mofina damninha e não se levantam do chão. É bailar, raparigas, é bailar.

E recommçaram a dança interrompida por

este incidente, girando voltas vertiginosas em redor da laranjeira.

Eram dezoito as raparigas e todavia faltava no rancho Rosalia, a ramilheteira do sitio. Rosalia era uma creatura angelica. Tinha uns bonitos olhos castanhos e uns fartos cabellos negros. E depois sempre tão aceiadinha, sempre um lenço de cassa tão bem posto a recatar o seio turgido e virginal! Dava gosto vê-la d'açafatinho no braço a vender as suas flôres nos dias de festa, á porta da igreja, quando os rapazes do sitio queriam offerecer ramilhetes ás moças namoradas.

O pae de Rosalia tinha sido um trabalhador humilde, que vivera e morrera pobre, legando á filha um casebre ensombrado pelas trepadeiras e alguns palmos de terra, poucos eram, em redor do casebre. Fôra uma doença prolongada a do pobre trabalhador e succeden não haver um vintem em casa no dia em que rendeu a alma a Deus.

Rosalia enxugou as lagrimas que lhe caíam a rodos, cobriu a cabeça com o seu lencinho preto e foi contrahir moa divida para comprar a mortalha e o caixão para o enterro de seu pae.

No dia seguinte ao dos funeraes, Rosalia ficou a seismar no futuro e lembrou-se de que tinha a pagar uma divida sagrada. Em ultimo caso, poderia vender o casebre e pagal-a. Mas o casebre tinha-lhe sido berço e queria-lhe ella tanto que morreria na hora em que tivesse de vendel-o.

N'este momento entrára um raio de sol pela

janella dentro; parecia uma inspiração! Vira Rosalia espanejarem-se fóra, á luz do dia, algumas pobres flôres que tinha cultivado em derredor da choupana.

Viú-as e lembrou-se de que uma ocasião a senhora morgada de Pedrouços lhe dera algumas pratinhas por um ramo de violetas. Fez-se luz na alma de Rosalia. Apegou-se com as flôres para que lhe protegessem a sua innocencia.

Ha mulheres que são ambiciosas e precisam de muito ouro para que sejam felizes. Rosalia tinha sido educada na pobreza e não acalentava ambições. Enquanto que outras desejavam sedas, Rosalia aspirava a pagar a sua divida e a ganhar o sufficiente para a alimentação quotidiana. Desde esse dia a pobre rapariga tornou-se ramilheteira.

Vendia flôres pelas casas nobres das freguezias mais proximas. As senhoras morgadas, quando viam assomar á porta a innocencia coberta de flôres, recebiam-n'a alegremente.

Parece-me que seriam felizes as raparigas desprotegidas que podessem seguir o exemplo de Rosalia! Em Portugal não se estimam as flôres e não ha ramilheteiras. No estrangeiro—e já não quero fallar na Hollanda—criam-se sociedades tendentes a proteger a floricultura e ha mercados especiaes para flôres.

Em Londres enxameiam por toda a parte as *flower-girls*, mulheres que vendem ramilhetes e é facil encontrar pelas ruas um carro de pau, cheio de vasos e puxado por um jumentinho.

Além d'isto o *Palacio de crystal*, a *Royal society of horticulture* e a *Royal Botanical society* estendem a sua protecção a todos os floricultores.

Em Paris, no tempo em que Paulo de Kock escrevia aquelle bonito romance da *Jenny*, havia nada menos de tres mercados de flôres. Estava um perto do *Palais de Justice*, que se abria ás quartas feiras e aos sabbados e era frequentado pelas costureiritas pobres, pelos operarios e ainda pelos estudantes do bairro Latino. Havia outro, ás segundas e quintas, no *boulevard Saint-Martin*, defronte do *Chateau d'Eau* e finalmente outro, ás terças feiras e aos sabbados, ao pé da igreja da Magdalena, que era o mercado da gente *fashionable*.

Eis aqui as flôres ao alcance d'uma algibeira burgueza, visto que «ellas, como diz Paulo de Kock, são o unico superfluo que os pobres se permitem comprar. Um superfluo que dá um momento de felicidade, poderia ter quasi o direito de passar por um necessario.»

Izabel, a ramilheteira do *Jockey-Club*, essa provê de flôres a aristocracia, apesar de não faltarem ellas por lá em qualquer parte que seja. Em Italia, sobre tudo em Milão, é difficil que um viajante atravesse uma praça ou entre n'um *café*, sem que se veja cereado d'um enxame de raparigas que lhe offerecem ramilhetes. «Os ramos, escreve Cezar Machado, não são notaveis nem pela abundancia nem pela variedade, mas são leves e booitinhos.» É justamente como eu os quero.

Deixemos que os reis se troquem *bouquets* va-

liosissimos, como o que, ha pouco tempo ainda, offereceu o imperador da Russia á imperatriz Eugenia.

A ostentação é propria dos reis; deixemos a elles o avaliarem tudo pelo seu valor real.

Aqui no Porto, onde tanto abundam as flôres, não ha ramilheteiras como eu disse e como todos sabem, a não ser pelo carnaval á porta do *Palacio de crystal*, que é só então que nos apparecem algumas rapariguitas a vender-nos violetas n'uns açafatinhos de verga. Faz pena vêr engeitar com tanto desamor o que a natureza nos dá com tamanha abundancia, que chega a parecer prodigalidade!

Voltemo-nos, porém, á nossa pobre Rosalia, que já tem pago a sua divida e continua a vender ramilhetinhos.

Adoram-n'a os pintalegreses d'aldeia; Rosalia nem dá por isso. O Joaquim da Portella foi um rapasito da sua educação, que embarcou para o Brazil aos quinze annos. Rosalia acostumou-se a vê-lo e chorou muito, quando o pobre rapasinho sahio d'aldeia com a sua troixioha á cabeça. Tinham passado oito annos depois da partida de Joaquim e o certo é que elle nunca se esquecera de escrever ao pae de Rosalia.

Depois que a rapariga ficou orphã, escreveram Joaquim apenas uma vez. Rosalia entristeceu-se com isto. Pensou porém maduramente sobre o caso e disse de si para consigo:

—Ainda me estima. Mas como eu fiquei sósi-

nha no mundo, não quer dar rebata á freguezia com a sua correspondencia. Não tem dúvida.

E entretanto a pobre rapariga lá ia moirejando na sua vida sempre a cuidar das llôres, sempre bonita e alegre. Ultimamente, pelo S. João do anno passado, dizia-se na aldeia que Joaquim voltava, mas ninguem sabia ao certo quando chegaria.

Eis-nos outra vez na alameda. Vem rompendo o dia e Rosalia ainda não appareceu.

Anda colhendo flôres, porque o dia de S. João é um dia de festa e terá de vender innumeros ramilhetes. Levantou-se ainda de noite para trabalhar. As outras raparigas, que tinham posto os copos dos bilhetinhos no parapeito da fonte, que está ao fundo d'alameda, correm a abril-os e veem saltando e dizendo:

—Manoel, és o meu noivo!

—Antonio, venceste!

—Luiz, ganhaste tu!

E n'este comenos aproximava-se Rosalia com o seu açafatinho de llôres.

—En esqueci-me!—apostrophou ella.

—Mas não me esqueci eu—tornou-lhe uma rapariga.—Deitei bilhetes por ti e esperava que chegasses para os ires tirar do copo por tua propria mão.

—Obrigada—responden Rosalia.

—Vamos vêr—acrescentaram as outras raparigas. E foram.

—Joaquim!—gritaram vozes em côro—O bilhete diz Joaquim!

As raparigas deram-se as mãos e começaram a bailar á volta de Rosalia, pronunçando tumultuosamente:

—Joaquim!

—Joaquim!

Rosalia não pôde dominar a alegria que sentia e sorria-se para as outras com ineffavel doçura.

—Rosalia!—disse alguém de subito—Rosalia!

Era uma pequenita que a chamava.

—Que me queres?

—Está alli, á beira do caminho, um homem que vem de mando da senhora morgada não sei d'onde e que te quer comprar flôres.

—Esperai—disse Rosalia ás raparigas—esperai, que eu venho já.

D'ahi a nada ouviu-se um grito. A raparigada affluin ao fundo d'alameda precipitadamente e, como se todas as vozes se conglobassem n'uma só, ouviu-se exclamar:

—Joaquim! É o Joaquim!

Era elle. Mal desembarcára, pôz-se a caminho para chegar á aldeia.

—Inda és o mesmo!—diz Rosalia.

—Mas parece um fidalgo!—acrescenta outra.

—O que tu não terás soffrido!—profere de novo Rosalia.

—Muito!—responde Joaquim—Muito! Esteve o navio quasi perdido. O vento era desabrido e o mar levantava-se em montanhas. Era ao

fim da tarde. Apesar de ser tão bonito vêr pôr o sol, no mar, d'aquella vez não se lobrigava pedaço de céo. Uma rajada mais forte soou. O navio rangu, nós estremecemos todos e o capitão, que era um homem animoso, descórrou. Tinha-se quebrado um dos mastros... A tempestade continuava e nós contavamos morrer agarrados ás taboas do navio. Chamaram todos por Nossa Senhora e eu—que nossa Senhora me perdõe—chamei por ti, Rosalia! O certo é que pouco depois o mar fôï serenando e as sombras fugindo. D'ahi a uma hora via-se a lua no céo e batia o reflexo nas aguas. Depois continuamos a viagem com felicidade e agora aqui estou, ao pé de ti, minha Rosalia...

—Para seres muito feliz, não é verdade?—interrogou ella—E já me ia esquecendo que me tihas encommendado flôres! Olha Joaquim, como soubeste tu que a tua Rosalia era ramilheteira, se apenas me escreveste uma vez, depois da morte de meu pae e me não perguntavas nada? Porque me não escrevias?

—Não queria—respondeu elle, que a gente da freguezia te accusasse de receberes cartas amorosas.—Escrevi ao Luiz Rego a perguntar por ti e soube que vendias flôres. Respondi-lhe logo e disse-lhe que comprasse todas as semanas, em seu nome e por minha conta, uma boa porção de ramos...

—Ah! Eras tu que mandavas!... Eu seismava com a devoção do Luiz Rego, que enchia de ramos a igreja, todos os sabhados! Abençoado

dinheiro! foi com elle que paguei a mortalha de meu pae. Agora é justo que não compres mais fiôres; aqui tens este ramo.

—Quero-o com a tua mão—responden elle.

Porto—junho de 1869.

A FOLHA VERDE

Havia no pequeno quintal nma laranjeira copada por onde ia trepando a hera sempre verde.

Ao pé do tronco estava o banquinho de pedra em que se recostava ao fim da tarde aquella gentil mulher de cabellos negros. Quando o sol começava a inclinar-se para o mar e os barcos da pesca desciam placidamente a corrente do rio, quando os pescadores velhos, impossibilitados do trabalho, fumavam pensativos no seu cachimbo denegrido, alguém atravessava o areial, a passos largos, com direcção á porta verde que vedava a olhos profanos aquelle jardimzinho encantado.

A porta estremecia levemente ao entrar um vulto escondido pelo véo mysterioso da noite.

D'ahi a instantes chilreavam de manso os dois namorados ao pé da laranjeira...

Calava-se então o mar como para lhes não

interromper o dialogo mavioso. Da parte do levante subia a lua meio-velada por uma facha de pinheiros irregulares. Descalia a natureza inteira na suavissima morbidez d'uma noite estiva.

Era então que se trocavam protestos, que se renovavam sonhos de felicidade. Nada ha, n'este mundo d'invejas e ambições mesquinhas, que chegue a fazer-nos esquecer, no decurso da vida, esses duleissimos devaneios d'um coração em flôr.

Permitta-se-me o recatar mysteriosamente os verdadeiros nomes dos dois personagens d'este drama dos vinte annos.

O nome é uma palavra e as palavras fogem na aza do vento...

Fallemos pois d'essas duas almas embriagadas na vertigem sublime do amor e vejamo-las a bater desceuidosas as azas brancas pelo céo da felicidade para as contemplarmos depois n'aquella separação a que obrigam as convenções da sociedade e que me quer parecer a suprema desventura d'este mundo.

Ha uma coisa peor que a indiferença: é a necessidade de se mostrar a gente indifferente.

Quer a sociedade levantar uma barreira de gelo entre duas almas que nasceram uma para a outra. E levanta-se... a barreira Ai! mas debaixo d'essa neve immensa referve suffocado o vulcão escandecente.

E se um dia se despega a massa enormissima do gelo, ai d'aquelle que tentar apagar as lavas que se arrojam para cima como em diluvio de fogo!

Não me digam que se deixa morrer assim o amor que nasceu hontem.

Não digam. Afiavela-se a mascara da indifferença sobre o rosto, mas se a mascara nos cahe uma vez no tripudiar vertiginoso do carnaval perpetuo—a que se chama vida—vêem-se ainda nas faces os signaes das lagrimas que se choraram ha pouco...

E os dois namorados segredando amorês debaixo da laranjeira...

Algumas vezes, porém, interrompia-se o mysterioso dialogo. N'essa occasião uma nuvem sombria velava a face da lua e um presentimento de desgraça escurrecia por momentos a melancolica alma do moço scismador.

—Quetens?—perguntava a carinhosa amante.

—Nada. Passou... Era uma nuvem negra que toldava o disco da lua...

Depois recommçava o dialogo apaixonado como d'antes. Aquelle segredar dos dois era como que uma tempestade d'ideias a refterver n'um mar de palavras.

—Se te amo!—dizia elle—Amo-te sim. É por ti que eu desejo ser grande, é para ti que eu vivo, que eu trabalho, que eu estudo. Quizera ter os loiros da gloria para tapetar com elles o caminho que tu pizas. Oh! se te amo, luz eterna dos meus olhos, flôr perpetua da minha alma...

—Que Deus nos abençoe—murmurava ella.

—Sim. Seremos felizes com as graças do céo.—E depois arrancando uma folha de hera, tornou vehemente:—Aqui tens esta folha. Quando ella sec-

car algum dia, o teu amor lhe dará nova seiva para que reverdeça logo. D'este modo será eternamente verde e conservar-se-ha para sempre como o symbolo eterno do nosso purissimo amor.

—Ah! sim, dizia elle—recebendo a folha.—Deixa-me beijal-a, ó anjo, porque já teve a suprema felicidade de receber o calor dos teus dedos de fada. Deixa-me beijal-a, porque ha de ser para mim uma recordação preciosa e Deus sabe se uma sandade... talvez.

E ao pronunciar a palavra—sandade—descabia-lhe a cabeça e cerrava os olhos como para não lêr o futuro no livro negro do destino.

Depois... quando as estrellas desmaiavam no céo, fechava-se cautelosamente a porta verde do jardim.

Decorreram-se os dias uns apoz outros em sonhos de felicidade; era um viver de rosas que não podia durar muito.

Uma noite, ao fechar-se a porta do jardim, sonhára o moço namorado que se fechava atraz d'elle a porta do paraizo.

E realisou-se... o sonho.

Quando ia atravessando a praia, rompia a manhã e voltavam do mar algumas launchas. Em uma d'ellas vinham os pescadores cantando.

De repente interrompeu-se o côro saudoso dos homens do mar, mas fôra breve a interrupção, porque romperam as vozes pouco depois n'esta lenda tristissima da praia:

Era uma noite de lua,
Das noites da beira mar.
Não ha noites mais saudosas,
Nem mais sandoso luar.

Diziam amor os astros
Doirando as ondas do mar.
—Amor—diziam as ondas,
Namoradas do luar.

Descobria-se na praia,
Como estatua erguida ao ar,
Um vulto em pé sobre as fragas
Embebecido a scismar...

Chamou a terra uma lancha,
Que de noite ia a pescar.
«Levai-me tambem, que eu pago,
Mas quero hoje ir ao mar.»

Decorreram-se momentos,
Fizera-se a lancha ao mar.
Os remos cortando a agua
E o vulto sempre a cantar.

Foi cantando toda a noite
Até morrer o luar.
Depois ergueu-se na prôa,
Deixou-se calir ao mar...

Quedára o moço a escutar o canto dos pescadores e sentiu, n'esse momento, um braço de ferro a dilacerar-lhe o coração fibra a fibra.

E as lanchas vinham aproximando-se e as vozes acordes dos pescadores repetiam já perto de terra os dois ultimos versos da lenda:

Depois ergueu-se na prôa,
Deixou-se calir ao mar.

Ao entardecer d'esse dia o mesmo vulto atravessava a praia. As filhas dos pescadores conheciam aquelle homem de passar por alli todas as tardes e, quando elle se aproximava, diziam baixinho umas ás outras:—Olha,ahi vem o namorado...

A porta do jardim, porém, não se abriu n'essa noite... Era profundo o mysterio! Decorreram-se as horas e o vulto permaneceu encostado á ombreira da porta, como se a mão de Satanaz o tivera chumbado alli.

A lua tinha rompido de traz do pinheiral lioda como na vespera. Da parte de fóra do muro via-se sobresahir a laranjeira illuminada pelo reflexo sandoso do luar. E a porta não se abria... nem se abriu mais!

Eu não sei como o homem tira da fraqueza do barro a coragem precisa para resistir a mágoas taes como esta!

Vêr desfazer-se o paraizo sonhado em tantas noites de felicidade, vêr desfolhar-se para sempre a grinalda florida dos vinte annos e não ir pedir á morte o descanso eterno da materia que aniquila!

Abençoado o raio d'amor que nos suspende á beira do abysmo!

Esse homem... tinha mãe.

Bemdito mil vezes o coração materno, urna de balsamos para toda a ferida, cofre de thesoiros para toda a pobreza, sacrario de consolações para toda a desventura!

Bemdito o amor que não morre, bemdito o

amor que não engana, bendito o amor que não mente!

Ó coração de mãe, abre o teu seio ás lagrimas d'um filho e enxuga-lh'as no sudario do teu amor, que são muitas e muitas...

Havia n'uma aldeia um coração de mãe a chamar por esse homem desgraçado. Partiu enfim o moço desventuroso dizendo adeus ao bolicio da cidade onde lhe lieavam para sempre a mocidade e a esperança, na tarde em que a mulher dos seus sonhos, diante do altar, estendia a outro homem a mão ainda quente do contacto da sua.

Que será partir para não voltar mais?—pergunto eu áquelles que andam chorando por longe e para sempre saudades de tudo o que lhes era mais caro. Os que nunca sahiram da beira do seu lar, de ao pé da sua esperança, esses, são tão felizes que nem chegam a comprehender tamanhas desventuras. E nos labios d'elle nem uma palavra d'azedume, nem uma queixa amarga, nem um rugido de vingança.

Todavia a folha de hera estava... ainda verde!

À hora saudosa em que se abria a porta do jardim, partia elle, caminho d'aldeia, cheio o coração d'immensas amarguras.

Ficaram a choral-o os amigos intimos, como que lamentando em commum a perda que era de todos elles.

Quando começaram a apparecer as primeiras arvores d'aldeia, então é que foi o despeitorar suspiros abafados e lagrimas represadas. Espe-

ravam-n'ò abertos, na casa onde nasceu, os braços de sua mãe. Ah! quiz Deus que se identificassem na mesma amargura aquelles dois corações, que se misturassem na mesma torrente as lagrimas da mãe e do filho.

Era um coração a charar pranto de dois!

Entretanto a folha de hera estava... ainda verde.

N'uma noite de lua debruçava-se o moço pensativo na janella do seu quarto sobranceira ao pomar.

Tinha a carteira aberta e contemplava ao claro saudoso do luar a folha verde que guardava como recordação eterna. Deu tento a mãe do longo scismar do filho. Entrou ao quarto desapercibida e chegou á janella no momento em que uma sombra ligeira encobria a lua.

—Lagrimas, meu filho!—murmurou ella n'um tom doloroso.

—Já não é nada—respondeu elle.—Passou... Era uma nuvem que velava a lua...

Porto—março de 1869.

A LENDA DA BARCA

Não terão cabimento, n'este livrinho de prosas correntias, algumas paginas em verso? Porque não?

A *lenda da barca* é uma tradição que eu desejei contar ao correr da penna e que, encarada por este lado, não offende a indole dos esboços despretenciosos a que vem associada.

Quasi me não lembrava do publico, quando a compuz. Escrevi-a para o snr. Thomaz Ribeiro, a quem é offerecida, convencido de que havia d'encontrar ecco saudoso no coração do cantor do —*D Jayme*—e da —*Delfina*—a historia dolorida do pobre barqueiro que se deixa morrer d'amores. Quiz o snr. Thomaz Ribeiro que me não enganasse. Adiante verá o leitor o canto mavioso com que o distincto poeta se dignou responder aos meus pobres versos.

Ahi vai pois a *lenda da barca* com as poucas palavras que a precederam, quando em abril d'este anno appareceu no *Jornal do Porto*:

«Fallaram-me dos amores desventurosos do barqueiro Ramiro n'umas paragens tristes do Douro. A velha tradição d'estes amores atravessou a barreira do tempo e com o decorrer dos annos revestiram-n'a de certo character legendario os camponezes do sitio, que ensinaram aos filhos a lição herdada dos paes. Existiria o barqueiro Ramiro ou não passará a tradição d'estes amores d'uma phantasia devida á penna obscura d'algun antigo bardo d'aquellas serras? Não sei. A ribeira e os rouxinoes, a que se allude na lenda, lá estão ainda e devem de estar como no tempo do barqueiro Ramiro:—a ribeira florida; os rouxinoes palreiros como d'antes. Que importa que não sejam os mesmos d'então?

No tempo de Ramiro cantavam uns que morreram já, é verdade. Lèsses, porém, ensinaram aos filhos o thema mavioso dos seus descantes nocturnos e a tradição transmittiu-se de rouxinol para rouxinol. São outres os rouxinoes; os descantes os mesmos. Deve de acontecer com as aves o que succede com os homens: cada familia tem a sua tradição, assim como cada povo tem a sua historia.

Diz a lenda que os rouxinoes cantavam de saudade no tempo de Ramiro; ainda assim é hoje. O thema e o estylo são os mesmos. Todavia o correr do tempo modifica a tradição popular de uma lenda qualquer n'um ou n'outro verso e é de suppor que tenha corrompido n'uma ou n'outra nota a partitura legendaria dos rouxinoes.

Ainda lá está na ribeira a pedra lisa em que

as lavadeiras do sitio batem as suas roupinhas. Alli deveu Rosa lavar os seus bordados. E não fallar a pedra! O que ella não diria d'aquellas rendas alvissimas costumadas ao suave conche-go d'um seio virginal!

Ramiro é o typo dos namorados desventurosos. Deixou-se o pobre moço entrar de fundas melancolias, quando olhou em si e lobrigou a sua barca a boiar nas aguas com a pobreza dentro... Que importava sentir-se bom e honrado e nobre? Tinha apenas de seu quatro taboas e dois remos. Isto era muito para elle e pouco... para o mundo. Cansou-se de sonhar venturas, que não podéra vêr realisadas e atirou com o fardo da vida ás aguas da corrente. Dar-lhe-ia lagrimas de saudade a sua Rosa? Não sei. Quero até que lh'as não dêsse, para se me affigurar maior o sacrificio.

Tentei aproveitar a *lenda da barca*, como lhe chamam n'aldeia. Vejo, porém, que não corresponde a obra aos meus desejos. V. exc.^a, que se digna acolher-me com a maxima benevolencia, animará ainda d'esta vez os meus justos re-
ceios.

Entro no palacio hospitaleiro de Parada de Gonta com a alegria do camponez que vai offerrecer ao castellão um cabaz de flôres silvestres, embora os mais opulentos se riam da mesquinhez do preseote. Vou alegre porque sei que hei de achar abertos os braços d'um mestre que me inspira a maxima dedicacão.»

A LENDA DA BARCA

I

Lá baixo onde ha os salgueiros,
Quasi ao pé d'agua, depois
Que o sol transmonta os oiteiros,
Vem cantar uns rouxinoes.

Entretanto a lua rompe
E mostra o disco saudoso...
Ninguem lá os interrompe
No seu cantar mavioso.

D'entre as gentis lavadeiras
Não ha uma só que se affoite
A vir lavar nas ribeiras
Aquellas horas da noite.

Mal sóbe a lua, n'aldeia,
Ninguem se fica por fóra.
Já em casa espera a ceia,
Apenas chegue esta hora.

Só o barqueiro Ramiro
Ficou inda á beira d'agua.
Prende-o n'aquelle retiro
A sua perpetua niagua...

Guardou enidadoso os remos,
Prende a barca e depois
Sentou-se e disse: «Escutemos
As maguas dos rouxinoes.»

II

Vint'annos contava Rosa
A mais gentil lavadeira,
—Talvez a mais enidadosa—
Que lavava na ribeira.

Sempre na beira do rio
Cortava na vida alheia
O fallador mulherio
Reunido em assembleia.

Só Rosa não dava ouvidos
Por ser mais trabalhadeira.
Mal que apanhava os vestidos,
Era lavar com canceira.

Batendo a saia de folhos,
Ensaboando os hordados,
Muito a medo erguia os olhos...
Tinha-os na agua cravados.

Se ás vezes os levantava
Com seu olhar feiticeiro,
Sempre a miral-a encontrava
O namorado barqueiro.

Ella baixava-os eórando
E então lavava e lavava...
Mas depois de quando em quando
Outra vez os levantava...

Vinha a noite, a lavadeira
Voltava a casa. Depois...
Enchiam toda a ribeira
As vozes dos rouxinoes.

III

Dize Ramiro o segredo
Do teu suspirar maguado.
Pois não vés erguer-se a medo
Aquelle olhar namorado?

—Olhar tão puro e tão sanelol
Tão expressivo e tão doce!—
Onde viste igual encanto
N'um olhar d'anjo que fosse?...

Em que seismas longas horas
Na solidão da ribeira?
Sochas talvez a deshoras
Ver lavar a lavadeira?

On ficas d'olhos pregados
N'aquella pedra—um thesoiro!—
Onde firma os pés nevados,
Se lava no lavadoiro?

Os ronzinhos das ribeiras
Captam bem ao desafio,
Mas ficar noites inteiras,
Só para os ouvir, ao friol

IV

Sei do que pensas, Ramiro;
Não estranho a tua magua.
Cantai-lhe n'esse retiro,
Ronzinhos da beira d'agua...

Ai! se te ama a pobre Rosa!
Ama-te muito, bem vejo
Como, ao ver-te, do medrosa
Lhe assoma o rubor do pejo.

És pobre, Ramiro, és pobre,
 Arrostras o sol e o frio
 Pela moeda de cobre,
 Que te dá quem passa o rio.

E a lavadeira é formosa!
 Qualquer lhe dará bem oiro
 Para beijar—pobre Rosa!...—
 Os seus cabellos côm d'oiro...

Sei no que pensas, Ramiro;
 Não estranho a tua magua.
 Cantai-lhe n'esse retiro,
 Ronxinoes da beira d'agua.

Queres fugir á desgraça,
 Que te espera qualquer dia...
 Por isso a noite se passa
 Na mesma melancolia.

V

Até que enfim resolveste
 Não voltar ao teu retiro.
 Veio a noite e não prendeste
 A tua barca, Ramiro!

Rio abaixo vaes remando,
 Sem que te cansem os braços!
 Só páras de quando em quando
 E fitas mudo os espaços...

Suspiram tristes as aguas,
 Que leva o rio palreiro,
 Como a juntar suas maguas
 As tristezas do barqueiro...

Passou-se a noite; ao ser dia
Um pescador da ribeira
Achou a barca vazia
Encalhada na pesqueira.

Que tu, Ramiro, deixasses
A barca,—o teu companheiro!
Ó barca, se tu fallasses,
Que dirias do barqueiro?...

Porto—março de 1869.

Dias depois da publicação d'esta *lenda*, escrevia-me o snr. Thomaz Ribeiro o que se segue:

«...Sabe? intristeceram-me aquelles versos porque eu posso tambem dizer:

—Amante fui triste e absorto
como Ramiro o barqueiro,
e achei-me afogado e morto
nas maguas do amor primeiro.

À beira d'agua assentado
esp'rei como elle!... e depois?!...
passei noites enlevado
no canto dos rouxinoes!...

Depois disse à podre calma:
ahi tens meu corpo!—ba quem reme?...
—barca em que andava a minh'alma
enquanto o amor lhe foi leme;

emquanto a esp'rança foi vèla
e nas trevas do aguaceiro
a fé lhe mostrava a estrella!...
e hoje... barca sem remeio!

.
Sem presente e sem passado,
sobre o mar longe d'um porto
sou barco desarvorado:
pareço vivo e estou morto.

Meu presado amigo. Sahin-me isso ao correr da penna, quando acabei de lêr os seus versos. Isso não presta e só o escrevi n'esta carta para lhe provar que a sua lenda me inspirou.»

D'aqui renovo os meus agradecimentos ao snr. Thomaz Ribeiro, contente por lhe ter suggerido a ideia de escrever tão suaves endechas e por mostrar-as aos leitores d'este livrinho, que verão n'ellas a unica coisa valiosa que se encontra em tudo isto.

Porto—julho de 1869.

AS DUAS FITAS

I

COR DE ROSA

Marmier, na introdução á —*Solitude*— de Zimmermann, escreve o seguinte: «Buffon, n'um dos seus melhores tractados, fez notar a acção diversa dos climas sobre a organização physica e moral do homem. Um sabio e respeitavel escriptor, M. de Bonstetten, consagrou um livro inteiro ao mesmo assumpto.»

O certo é que Marmier inclina-se muito á opinião de Buffon e Bonstetten; e eu vou tambem d'acordo, n'este parecer, com o biographo de Zimmermann.

Estou n'aldeia, ha dois dias, n'uma aldeia solitaria das margens do Douro, defronte do convento de S. João de Pendurada onde morreu aquelle desgraçado bispo do Gran-Pará, Frei

João de S. Joseph de Queiroz. O snr. Camillo Castello Branco escreve, nas *Memorias* do bispo, com referencia ao convento de S. João de Pendurada, o que se segue: «É aquelle mosteiro triste, empinado n'uns rochedos que se debruçam sobre o Douro. É lá em cima no monte Arados, onde as neves hybernaes requeimam as raizes do bravio para que alli não floream os gestaes em abril, nem as tojeiras no dezembro se dourem com os seus festões amarellas.»

Não sei se o snr. Camillo já veio a S. João de Pendurada ou se escreven por informações; o que sei é que foi exacto na descripção.

Ora a aldeia em que estou, freguezia de Sancto André de Sozello, resente-se da visinhança do monte Arados; quero dizer, é triste e solitaria como elle. O certo é que me fiz aldeão, eu-do que por influencia do clima, que actuára subjectiva e objectivamente sobre a minha organização moral e physiologica.

Para me não deixar, pois, entrar de tristezas proprias do sitio, fui-me hontem por brenhas e atalhos fóra a espairecer o espirito cansado da viagem. Cheguei insensivelmente a meio d'um cerro e rodeei a *casa dos olivedos*, propriedade d'um rapaz que fôra men condiscipulo em 1866. Sabim-me da revolta do quinchoso o caseiro da quinta, de enxada ao hombro e chapéo na mão.

—Sanctas tardes, men homem. Vossé é caseiro da quinta?

—Saiba v. que sim.

—Seu amo está em casa?

—Meu amo, senhor! Ha dois annos que não veio á quinta. Vive em Lessa da Palmeira. Acho que é perto do Porto... O senhor deve saber onde fica. O certo é que casou por lá e por lá vive, ha dois annos.

—Pois seu amo vive em Lessa, ha dois annos, sem que eu o tenha visto, durante esse tempo, uma vez sequer! Com quem casou elle? Conte-me lá tudo o que sabe.

Ahi vai, pois, tudo o que me contou o caseiro de Rodrigo Sotto-Maior e o mais que eu sei a este respeito.

O estylo fragoeiro d'estas paginas deve claramente resentir-se do meu rusticar com a gente do campo, do perfume agreste dos mattos e da visinhança do mosteiro da Pendurada, solidão tristissima, onde agonizou o bispo do Gran-Pará.

—O senhor conheceu, por acaso, em Lessa, a viuva do capitão Mathias?—interrogon o caseiro.

—Do capitão Mathias...—rhuminei eu—Conheci. Tinha uma filha rasoavelmente bonita, a quem nós, os banhistas de 1866, chamavamos a *menina do tope vermelho*.

—A menina de quê, senhor?—atalhou o caseiro com a palavra *tope* entalada nos gorgomilos.

—Do *tope vermelho*, homem. Chamavamos

assim ao laço de fita, que ella usava no cabello com uma galanteria indissivel. Mas a que vem isso?

—Pois foi ella...

—A que casou com o Rodrigo? Ora essa! Pois o Rodrigo casou com a *menina do tope vermelho*?

—Sim, senhor. Foi com a snr.^a D. Julia Mathias que o snr. Rodriguinho casou, ha dois annos. Esteve a banhos em 1866 e acho que só tomou os tres da igreja. Casou e não veio mais. É como diz a cantiga:

Quem 'stá bem, deixa-se estar.

—E que sabe mais?

—Quasi nada. O que lhe posso dizer é que já tem um filho e que dizem que hão de vir á quinta na primavera... Então o senhor era amigo d'elle?

—Amigo! Amicissimo. Conheço-o desde 1866. Foi meu condiscipulo nas aulas e depois acompanhei-o, frequentes vezes, em Lessa.

—Ora bem.

—Vou-me por aqui abaixo, surprehendido com a noticia. Já se vai fazendo tarde. Adens.

—Adens, senhor.

Desci por uns atalhos tortuosos até á estrada. Vinha a scismar na *menina do tope vermelho* e no casamento de Rodrigo Sotto-Maior, o meu condiscipulo de 1866.

No setembro d'esse anno a formosura da filha do capitão Mathias deu rebate aos mais ga-

lhados banhistas de Lessa. Distinguia-se a requesta la senhora, entre o rancho das mais feitiças nereidas da praia, por um tope de fita vermelha, artisticamente pregado no cabello, como borboleta d'escarlata, que continuadamente estivesse osculando a trança d'ebano.

E depois tinha uma graça no andar, uma certa elegancia no apanhar dos vestidos e, digamos tudo, uma desenvoltura, que lhe era natural e não chegava a ser licenciosa!

Estanceavam, pois, debaixo das janellas de Julia os pintalegres da praia; era um constante arremetter de milhafres namoradiços á tímida andorinha, que se esquivava ainda.

Uma tarde sahi eu a passeiar com Rodrigo Sotto-Maior. Assomamos á volta d'uma rua e vimos, n'uma janella, uma mulher negligentemente pensativa. O ruido dos passos despertou, porém, a contemplativa senhora, que levantára a cabeça para vêr, indubitavelmente, quem commettia a indiscrição de lhe perturbar os poucos momentos livres de Narcisos importunos. Ao tempo em que a visão da janella levantou a cabeça, fizemos reparo na fita vermelha que lhe cingia a fronte. Não havia que duvidar! Era ella! Era ella, cujo nome cirenlava de boca em boca, porque nenhuma das banhistas de Lessa tinha ousado ainda derrubar a realza do *tope vermelho*, imitando Julia. Não havia que duvidar! Era alli a habitação encantada d'aquella mulher seismadora, que se deixava embalar nas harmonias tristes do mar.

Cobrira-nos Julia d'um olhâr desenhado mas de tal modo reprehensivo, que parecia acoimar-nos d'indiscretos. O certo, porém, é que Rodrigo Sotto-Maior estremeceu, como um cadaver impellido por uma pilha galvanica.

Dei tento da impressão de Rodrigo e não pude deixar de o apodar de namoradoço ridiculo, capaz de correr parelhas com uns sujeitos que se andam narcisando pelas praias diante das ondinhas, qué sahem do banho, entrajadas de bacta negra.

Pobres anjos! Nem eu sei para que as mulheres tomam banhos do mar! Pobres anjos! repetirei ainda. Antigamente os mais rispídos—e também os mais estupidos—paes de familia negavam ás filhas a instrucção elemental do *bastardo* e do *cursivo*, com receios de que as meninas, doutoradas em primeiras letras, viessem, n'um dia, a sustentar correspondencias amorosas!

Isto era o mesmo que dizer ás pobres meninas:

Minhas filhas: «O coração está dependente de uma coisa que se chama o alphabeto; quem não souber o a-b-c não póde amar. É por meio da combinação das letras que se escreve, formando palavras; mas com as palavras se fazem cartas e com as cartas se faz muita coisa má,—por exemplo: escrever! As cartas são uma especie d'abaçador assoprando constantemente ao fogareiro do coração. Casai; mas casai por interesse e por calculo! Sêde estupidas e contaí o numero de

vossos filhos pelos dedos.» Isto era o que os paes de ha sessenta annos preleccionavam ás filhas analphabetas em vez de lhes dizerem categoricamente:

Meninas: «Prohibo expressamente que minhas filhas tomem banhos do mar! Arriscava-me a que vossês ficassem eternamente solteiras como Minerva. Sim, como Minerva! Lá diz o meu Virgilio: *Innupta Minerva*. Quer dizer: Minerva, que costumava tomar banhos do mar todos os annos. É a traducção á letra para um pae experiente. Mulher que toma banhos do mar não casa. É uma dôr do coração vêr-vos enfiadas n'um sacco de baeta, com os cabellos empastados na cabeça, vergadas com o peso da saia humida, a tropeçar, a escabujar com as ondas, a arrastar-vos, emfim, como salamandras! Nada! Quem se sentir molestado do nervoso, faz uso do anti-hysterico e deixemo-nos de mar!»

Isto veio aqui por incidente. É que eu vi uma vez, em Lessa, sair do banho a *menina do tope vermelho* e tive pena de que as prescripções da medicina fossem severas ao extremo de a despoe-tisarem, a ella, a elegante, a graciosa, a *coquette*!

Como eu ia, pois, a dizer, Rodrigo Sotomaior sentin-se fulminado com o olhar de Julia.

Ha mulheres, porém, enjo olhar por mais indolentemente vibrado que seja, tem o condão fatal de produzir uma impressão rapida mas profunda. O olhar de Julia era assim.

Peço licença para abrir um parenthesis: Não sei se já virão serodias algumas explicações so-

bre a pessoa de Rodrigo Sotto-Maior; todavia julgo que serão indispensaveis e vou dal-as.

Rodrigo Sotto-Maior era filho d'um dos mais dinheirosos proprietarios de Sinfães, que morreu em 1863 apopleticamente, deixando o filho com vinte e quatro annos d'idade e com uma casa no valor de quasi outros tantos contos de reis. Fallecido o pae, veio o rapaz matricular-se nas aulas do Porto com o proposito firme de não estudar nada. As aulas eram para elle um pretexto com que procurava desculpar a si mesmo os ocios d'uma vida livre e abastada. Ainda assim frequentava regularmente as aulas, com as algibeiras providas de charutos e esquecido dos compendios que não chegára a comprar. Este desamor ao estudo pôde redundar, na opinião de muitos, em desabono da intelligencia de Rodrigo. Diga-se a verdade. Rodrigo Sotto-Maior tinha larga capacidade intellectual apurada na leitura dos melhores livros, que lhe fornecia a casa Moré todos os mezes. Quando os livros lhe chegavam a Sinfães, o moço, sedento de novas leituras, lia-os, relia-os, decorava-os; e, quando já não tinha mais que lêr, esperava nova remessa, batendo as moitas, á pista de coelho, de clavicina aperrada.

Lembra-me agora contar-lhes que indo eu um dia procurar Rodrigo, em Lessa, pudeprehender sobre a mesa do trabalho um album intimo onde elle archivava os devaneios mais queridos do seu coração.

Rodrigo estava ainda recolhido, quando o pro-

eurei. Esperei, pois, na ante-camara e logo se me deparou o album aberto na pagina em que se liam os versos que eu, abusando da nossa velha amizade, publico. Li-os e para logo fiquei namorado da singeleza suave da composição, que era indubitavelmente dirigida á *menina do tope vermelho*.

Como Rodrigo se demorasse o tempo preciso para eu não poder resistir á tentação de copiar os seus versos, copiei-os. Perdôa-me tn, nobre amigo, o ter devassado os mysterios do teu coração. Em nome dos laços sagrados que nos prenderam e que ainda nos prendem, perdôa-me.

Diziam assim os versos:

COR DE ROSA

Ail se me desses a fita
Com que prendes o toucado...
Côr de rosa! tão bonita!

Dá-me esse laço encarnado
Com que seguras a trança.
Foi bem escolhida a côr!
Verde significa esp'rança;
Roxo exprime ausencia e dôr.
Mas a lita côr de rosa
Diz tão bem no teu cabelo!
Pois que a rosa em si resume
Quanto uma flôr tem de bello,
Côr, *linguagem*, perfume,
Sois irmãs! A mão benedita
Do Senhor fez-te tão rica
D'aquella graça infinita,
Que se vê e não se explica!

Vós ambas tendes perfumes,
Ambas a mesma innocencia!
Eseusaes de ter cinmes...
Não ha entre vós preferencia.

Foi a côr bem escolhida!
Mas se me dèsses a fita...
Deixando a trança cahida,
Talvez fosses mais bonita!

E eu faria d'ella algema,
Que mais a ti me prendesse...
Côr de rosa! tão bonita!
Quem não daria um poema,
Se tu lhe dèsses a fita?...

Dá-me esse laço o—diadema
Com que tu cinges a fronte,
—Corôa propria de rainha—
Pois se não tens uma ideia,
Que não seja tua e minha,
Não digas que te não peça
Essa fita côr de rosa,
Que te circunda a cabeça...

Dá-m'a. Sé boa e formosa.
Ail se me dèsses a fita
Côr de rosa! tão bonita!

Os versos de Rodrigo nasceriam e morreriam na obscuridade, se um feliz acaso os não tivesse offerecido á minha curiosidade.

Conheci então que Rodrigo estava verdadeiramente namorado.

Feche-se agora o parenthesis.

No dia seguinte áquelle em que viramos Julia, encontramos-a de tarde casualmente, se não foi já prophecia do coração namorado de Rodri-

go, na Ponte de Lessa. N'um dos bancos, que se encostam ao parapeito da ponte, estanceavam meia dúzia de *leões* empertigados, despedindo sobre Julia tão namorados olhares, que ella teria morrido n'uma fogueira d'inquisição amorosa, se os raios visuaes dos moços namoradiços não diminuisssem a intensidade calorifica ao atravessar as lunetas sem grau.

Fizemos reparo nos *leões* e os *leões* fizeram reparo em nós, porque Julia dignára-se volver um olhar expressivo para Rodrigo Sotto-Maior.

—Queres ficar?—perguntei eu, dando tento do olhar de Julia.

—Não—respondeu sêccamente Rodrigo.—Ficar era ridículo.

Atravessamos a ponte, ladcamos o oronumento de Manoel Passos e fomos sentar-nos n'um dos bancos que lhe ficam proximos.

O certo é que Julia havia-nos seguido com a vista e não desfitava Rodrigo, arcendendo a indignação dos *leões* despeitados com tão pronunciada preferencia.

Quando Julia sahín da ponte, Rodrigo Sotto-Maior não quiz seguil-a. Vimol-a desaparecer na extremidade opposta e vimos tambem desfilar pacificamente, em seguida a ella, a coorte dos galanteadores officiosos.

Atravessamos a ponte, passado tempo.

Na revolta d'uma das cangostas tortuosas de Lessa topamos os *leões* reunidos em assembleia geral. Viram-nos e fizeram-nos cerco, isto é, montearam-nos como a lobos damminhos. Cho-

veu sobre Rodrigo Sotto-Maior uma alluvião de epigrammas, que se resentiam da ridiculez dos sujeitos que os dirigiam.

Rodrigo arrostando a pé firme as iras dos monteiros indignados e, quando pôde escapar-se dignamente da malha, segredou-me ao ouvido:

—Vamos d'aqui, que me sinto nauseado.

Na manhã seguinte, encontrei-me na praia, á hora do banho, com Rodrigo Sotto-Maior.

N'essa occasião sahia Julia do banho e enquanto eu lamentava que a medicina obrigasse uma mulher bonita e elegante a parecer feia e cambaia, Rodrigo Sotto-Maior confiava á banheira o'uma folha de papel, fechada em *enveloppe*, as primeiras palavras do seu amor. Aguardamos a occasião em que Julia sahisse da barraca; vimol-a sahir e córar.

Ao ensejo de córar a *menina do tope vermelho* ajustam uns dizeres bonitos do sr. Mendes Leal: «Dirieis que o paniculo roseo da flôr da bromelia, despegada dos seus braços vegetaes, cahira sobre as petalas tegumentosas d'um cacto branco das selvas.»

N'essa noite—uma lindissima noite de luar—passamos, Rodrigo e eu, debaixo das janellas de Julia; ouvimol-a tocar piano. Escondemo-nos na sombra d'um muro e quedamos a ouvil-a. Os seus dedos deviam de correr vertiginosamente sobre as teclas do piano porque as notas choviam em turbilhão com a rapidez do relampago.

Ouvimol-a passar do *Hernani*, com uma ve-

locidade electrica, para o *Roberto* e do *Roberto* para o *Trovador*.

Pouco depois o piano emmudecen. Vimos *Julia* aproximar-se da janella e descer a vidraça; cuido que *Rodrigo* lhe mandára um beijo n'um raio da lua.

A sala ficou por momentos ás escuras; pouco depois, porém, uma claridade alegre se coou através dos vidros, reflectindo-se na rua.

Quem poderia duvidar de que *Julia* estivesse, n'esse instante, respondendo a *Rodrigo*?

Elle adivinhou-o e eu presenti-o.

Demoramos ainda meia hora a coberto do muro; depois fugiu a luz e a janella fechou-se de vez.

Ao outro dia faltei na praia, mas veio *Rodrigo* procurar-me e mostrar-me confidencialmente a resposta de *Julia*. Era apenas um bilhete, com quatro linhas, de calligraphia elegante e grammatica escorreita.

O jubilo interior de *Rodrigo* irradiava-lhe no semblante e resaltava-lhe dos olhos em chispas luminosas.

—És feliz, *Rodrigo*?—perguntei eu.

—Cala-te—atalhou-me elle violentamente.

—Cala-te, que chego a ser egoista da minha felicidade.

Desde esse dia rarearam as visitas que *Rodrigo* Sotto-Maior me fazia; percebi o motivo que o impedia de visitar-me e desculpei-o.

Decorrida uma semana, entrou *Rodrigo* uma

manhã, em minha casa, de semblante demudado e com ares d'inquietação.

—Que tens tu, homem?

—En sei lá o que tenho! Tenho o inferno no coração. A viuva Mathias Iobrigou as minhas relações com a filha e ameaçou-a d'entrar n'um recolhimento do Porto. Parece-me que não torno a fallar com ella! E tu ainda me perguntas o que eu tenho! Tenho o inferno no coração, bem te disse eu. Fallava-me todas as noites da janella abaixo. Que bonita, meu amigo, quando a lua lhe batia de frente! Que bonita! Adeus, adeus.

E desceu as escadas precipitadamente.

Fiquei d'espectativa alguns dias, fúndos os quaes Rodrigo me procurou de novo. Vinha completamente socegado e jovial.

—Serenou a tormenta, meu amigo—disse-me elle.—*Post tenebras sol lucet*. Logramos engodar a perspicacia da viuva Mathias. Fallamos todas as noites no quintal. Mal sabes tu o que eu passo para fallar-lhe. Tenho de me engalfinhar n'uma cancella, de saltar um muro e de me esconder depois n'uns pardieiros, que te fariam estremecer de horror, se os visses. Queres tu vêr?—E foi abrindo a carteira.—Queres tu vêr? Sabes o que é isto?

—*Isso é o tope vermelho!*—acudi eu simulando surpresa—*Isso é o tope vermelho!*

—Tal qual. É o *tope vermelho* de Julia. Pédi-lh'o e deu-m'o. É elle... o *tope vermelho*.

E Rodrigo dizia isto beijando-o soffregamente.

—Fizeste tu mal em pedir-lh'o, Rodrigo. Usurpaste-lhe, privando-a d'esse laço, a corôa da realêza. Foi egoismo da tua parte.

—Não ha tal! Julia não precisa de pedir á *toilette* o esplendor com que deslumbra. O seu prestigio está na sua belleza; é d'ella, como eu sou. Este laço é uma recordação, uma lembrança, uma saudade talvez. É meu! Felizmente posso chamar-lhe meu! Adeus. São horas d'ir fallar com ella!

Rodrigo abandonou completamente a sociedade banhista; vivia para Julia. Os *leões* despeitados continuavam a verheral-o d'epigrammas pouco menos de tolos e elle nem dava por isso!

Abençoado o amor que nos sóhe a céos tão placidos e tão acima do chareo immundo onde coaxam as rãs da maledicencia!

Começava a despovoar-se a praia de Lessa. Entrouxei e dispuz-me a recommear os meus trabalhos escolares. Procurei Rodrigo em casa e não o encontrei; vi-o depois casualmente.

—Já de marcha!—disse-me elle.

—Tal qual. Está o inveroo connosco—respondi eu.—Ainda ficas?

—Ainda fico. Adeus. Estimo que sejas feliz—respondeu elle como que querendo obstar a alguma pergunta importuna.

Os receios, porém, de Rodrigo, eram infundados; não devia esperar indiscrições da minha parte.

Voltei eu para o Porto e, quando me lembrava do caso, suspeitava que o namoramento não

podia vingar muito tempo nas condições em que estava. Agora vejo que me enganei redondamente.

Rodrigo Sotto-Maior não voltou de Lessa. Lá vive, pois, ha dois annos, n'aquellas solidões da beira mar, a estreitar a esposa d'encontro ao seio e provavelmente a rever-se nas graças infantis do filhinho.

Os poucos momentos, que poder roubar á creancinha e á mulher, quem sabe se elle os consumirá a cuidar do plantio do quintal ou no casal de peruns, que grasmam na capoeira? Não admira nada! O general Walrave entretinha-se, na solidão d'aldeia, com a criação das gallinhas. Muitos deixam o socco dos campos por o bulicio da cidade; outros, como Publio Scipião, dizem que nunca estão menos sós do que quando estão verdadeiramente sós.

E demais Rodrigo Sotto-Maior tem ao lado a esposa e o filhinho a sorrirem-lhe e a affagarem-n'o. Perdôa tu, meu amigo, se eu corri o véo mysterioso da tua vida intima, occultando todavia n teu verdadeiro nome.

Na primavera que vem, mostra a tua esposa o torrão abençoado em que nasceste. Que a madre-silva dos vallados perfume a atmosphera, que as aves da ramaria te enlevem com as suas toadas alegres, que teu filho te sorria e que tua mulher te abraçe.

Quinta de Villa Verde—16 de setembro de 1868.

COR DO CÉO

Procurei Rodrigo Sotto-Maior em Lessa. Achei-o n'um paraizo d'amor, sorrindo de verdadeira felicidade á esposa estremecida e embellezado na contemplação do filhinho, que passa metade do dia ao collo da mãe e outra metade nos braços de Rodrigo. Fez-me inveja o socego suavissimo d'aquella casa onde encontrei ainda um resto do viver patriarchal dos tempos que já não voltam. Rodrigo vive quasi exclusivamente para a familia e para algum raro amigo, que, de longe a longe, vai lavar nas aguas d'aquelle milagroso Jordão a lepra das mudanidades estultas.

Poucos livros entram no gabinete de Rodrigo e esses que entram são escolhidos e puros; aos periodicos é de todo em todo defesa a entrada. Ha dois annos que Rodrigo não sabe quantos ministerios tem havido, quantas pessoas do seu conhecimento casaram ou morreram e quantos lavradores da sua aldeia estão barões ou conselheiros. Não se interessa, como vêem, por estas coisas attinentes ao movimento politico da nossa terra, nem lhe sobra tempo para lamentar as inconveniencias do *systema que nos rege*, por

isso que se deixa absorver nas profundezas d'um oceano d'amor, onde não ha systemas possiveis além do que manda o coração.

Rodrigo acolheu-me affectuosamente. Subimos ao gabinete de leitura que tem duas largas janellas; uma que deita para o jardim e outra que olha para o mar. Sentamo-nos e começamos a fumar com excellentes disposições d'espirito para encetarmos conversa.

—Authoriso-te a acensares-me da minha ingratição—disse Rodrigo.—Estou disposto a ouvir a leitura do libello, apesar de não ter provas que me favoreçam.

—Tens a teu favor—respondi eu—este remançoso viver que te absorve o coração e que faz inveja a quem anda por esse mundo a luctar constantemente com os vagalhões da fortuna. Ha dois annos que te perdi de vista e encontro-te hoje tão feliz como supponho que terás sido desde o dia em que te deixei de vêr. É uma felicidade que sorri a pouca gente, meu Rodrigo. O mundo não falla de ti, porque o mundo não se occupa das alegrias serenas. És rico e ainda assim vives obscuramente. Não te entremettes com a politica nem incommodas os periodistas com a noticia de teres offerecido um jantar aos presos ou aos pobres. A tua mão, se exerce a caridade, exerce-a segundo o preccito do Evangelho. Vives feliz, Rodrigo! Vejo que tens as tuas portas fechadas, mas recomendo-te que as mandes trancar cautelosamente para que te não possam assaltar, n'esta solidão, os malsins da so-

cidade. Olha que também já andam as ambições pela aldeia. Venho de ao pé das montanhas que te viram nascer e achei por lá vestígios de corrupção. Os lavradores dos teus sítios estenderam a vista para além dos seus campos e diffamam-se mutuamente por causa das eleições. Ha por lá quem tenha esbanjado a casa para comprar votos e commendas. Um teu visinho está commendador; outro sahio, ha dias, deputado.

—E é muito de suppor que o meu caseiro esteja a chegar ás alturas d'um baronato, segundo o que tu dizes—atallhou Rodrigo.

—Ainda não aconteceu assim por felicidade tua. O teu caseiro continúa a trabalhar no amanho das terras e a viver para a lavoura. Lá o vi, arremangado, de enxada ao hombro, na direcção do pomar. Foi elle que me deu noticias tuas. Por elle soube eu que tu tinhas casado e que Deus te coroára a felicidade conjugal com as graças infantis d'um filhinho estremecido. Surprehen-
den-me a noticia do teu casamento, Rodrigo! Despedi-me do teu caseiro e vim por uns atalhos a scismar nos bons tempos de ha dois annos, que foram o prologo da tua felicidade;—prologo em que eu também indirectamente collaborei.

Dois dias depois, sentava-me á mesa do trabalho e escrevia a historia feliz dos teus amores, recatando n'um pseudonymo o teu verdadeiro nome e recamando, aqui e além, de ficções romanticas a tela onde desenhava o quadro...

—Pois fallaste?

—Fallei. Has de perdoar este abuso de con-

fiança; todavia confesso a verdade. Conteí a tua historia e, como o mundo já se não lembra de ti, nenhum alviçareiro se deu ao trabalho de farejar o teu rasto. A sociedade interessa-se simplesmente pelos grandes escandalos dos altos personagens. É preciso que um sujeito, que enriqueceu no tráfico da escravatura, saiba a chronica, quasi similhante, d'um outro que chegou á opulencia pelo fabrico das notas falsas. Isto é preciso para que a sociedade se respeite e para que se fechem umas bôcas com medo das iras d'outras muitas. D'aqui a necessidade do romance escandaloso, o unico que tem leitores e compradores em Portugal. A tua historia era uma historia simples e honesta, uma historia que podia correr desde o collegio até ao convento, duas casas onde a corrupção não é permittida por lei... Fallei em ti e na *menina do tope vermelho*, que é hoje tua esposa. Conteí a historia do laço com pequeno desvio da verdade e acabei por dizer que era muito de suppor que, á hora em que eu escrevia, andasses tu a cuidar do quintal ou dos peruns. Vejo que me enganei. O teu quintal sahio-me um jardim, a julgar pelo que descubro d'esta janella. Supponho-me em Montmartre á beira dos alegretes de Alphonse Karr. Nem as flôres te faltam n'este paraizo!

—São os melhores livros, as flôres—disse Rodrigo.—Livros que a natureza escreveu em paginas de mil côres e com mil diversas tintas. Amo as flôres pelo que ellas são e não pelo que os homens querem que ellas sejam. Tenho alli

na estante livros de botanica, comprados em outro tempo; escuso de te dizer que nunca os abri. Estão ao pé d'outros de mathematica, que só folheei uma vez, como sabes, e que levei para sempre, quando o professor, que era um sujeito de muitas philosophias, declarou do alto da sua reputação que a minha negação para os algarismos importava absoluta inaptidão para tudo. Anda visitar as minhas flôres, todas as que eu tenho, porque minha mulher, com o nosso filhinho ao pé de si, deve estar a esta hora no jardim. Has de jantar comnoso e, depois do calê, iremos sentar-nos ao pé da capellinha de Sanct'Anna. É lá, diante d'aquelle panorama delicioso, que eu te quero contar o pouco que tu ignoras da minha vida.

Descemos ao jardim.

Encontrei a esposa de Rodrigo, sentada á sombra d'um caramanchel, trabalhando em *crochet*. Ao lado estava o filhinho, todo vestido de branco, sentado n'uma cadeira de braços. Era um quadro de familia que inspirava respeito.

Julia estava modestamente vestida. Tinha um vestido de chita alegre e clara, guarnecido nos punhos e no pescoço por uma renda fina mas estreita. O cabello dividia-se em duas tranças que cahiam livremente pelas costas abaixo. Não ha vestir mais modesto com tamanha elegancia, e, permitta-se-me o substantivo, com tamanha *frescura*, palavra que usam as mulheres com grandissima propriedade, quando querem fallar de certos vestidos graciosos e humildes.

A esposa de Rodrigo era ainda a creatura formosa que eu tinha visto debruçada na janella, dois annos antes. Tinha o mesmo colorido nas faces, a mesma alegria nos olhos e a mesma serenidade no semblante.

Passei algumas horas felizes n'aquelle santuario; conversamos de tudo o que nos lembrava, borboleteando d'assumpto para assumptn.

Depois de jantar, acompanhou-me Rodrigo á capellinha de Sanct'Anna. Sentamo-nos no banco de pedra que se encosta ao oratorio e ficamos por algum tempo embelezados na paizagem que a natureza nos desdobrava diante dos olhos.

Foi Rodrigo o primeiro a quebrar o silencio.

—Olha—disse-me elle.—Quando te chegar ás mãos um livro impregnado de má philosophia, não o leias. Nota, porém, que desigmo por má philosophia esta corrupção desbragada que já começava a envenenar a sociedade nos meus tempos de solteiro e que actualmente, segundo dizes, ameaça absorver a humanidade inteira. Não creias no progresso que principia por insultar a mulher, por aniquilar a familia, por offender a igreja e por zombar de tudo o que ha de mais casto e sancto n'este mundo. Vê se podes fugir da lepra que vai lavrando e onde a Providencia te mostrar uma alma candida e boa fica ali, meu amigo, embebecido n'esse templo sacratissimo, sem saudades do mundo exterior, das suas tempestades e dos seus tumultos. Eu sahi da minha aldeia com a alma fechada para os

mans sentimentos. Queria conhecer o mundo e tinha, ao mesmo tempo, um certo medo de o conhecer de perto. Quando do alto d'um monte vi de longe os pinheiros da minha aldeia, tive saudades d'elles e estive para retroceder, mas animou-me uma esperança vaga que me enebria o coração e que era indubitavelmente o prenuncio da felicidade. Atravessei o mundo sempre a pensar nos pinheiraes da minha terra e fui caminhando até encontrar um sitio que me fizesse lembrar da serenidade austera do meu Douro e onde encontrasse alguém que me faltava lá. Aqui achei esse sitio e aqui fiquei; aqui encontrei o paraizo e o anjo que me aguardavam ha muito.

O anjo, bem sabes tu, era a *menina do tope vermelho*. Foi verdadeiramente uma vaga da fortuna que nos ajuntou. Vi-a e amei-a.

Has de lembrar-te d'ella, meu amigo, d'ella, aquella visão da lita encarnada, lita que eu ainda conservo no meu relicario intimo.

Nunca eu soube vasar na palavra o sentimento. D'essa vez, porém, senti-me poeta. Escrevi uns versos a Julia e mandei-lh'os; os versos eram simplesmente um pedido. A resposta foi o tope encarnado que lhe prendia a trança. Julia tinha attendido a um capricho de namorado.

—Aproveito a occasião—atalhei eu—para te pedir perdão d'uma deslealdade que me pesa. Possuo os teus versos.

—Não te acredito—repliou de golpe Rodrigo.

—Acredita e perdôa. Copiei-os, ha dois annos, do teu album, enquanto esperava na sala

Doeu-me que ficassem para sempre na obscuridade e quiz possuil-os, confiando na tua amizade, Rodrigo.

—Pois bem—continuou elle.—Deves então saber o resto. Julia substituiu o laço encarnado por outro laço azul. Tive ainda a velleidade de o querer possuir tambem. Escrevi-lhe ainda estes versos—disse-me elle tirando do bolso o alhum.

Li e copiei, com assentimento de Rodrigo, os versos que se intitulavam:

COR DO CÉO

Olha, a fita côr de rosa,
Que te pedi, era linda.
Mas talvez que seja ainda
Mais bonita a que pozeste
Côr do céu, azul celeste!

Tinha aquella a côr da rosa.
—Era d'uma côr tão fina,
Que enganára a mariposa,
Se a pozessem na campina
Suspensa sobre uma haste!
—Tinha a côr que tu mostraste,
Quando eu te pedi a fita
E tu, dando-m'a, córaste...

Vê, pois, como era bonita!

Todas as urnas cheirosas
Que só abril nos desceira
Têm aquella côr. Na terra
São assim todas as rosas.

O azul é raro nas flôres;
 Que o Pae que tudo nos deu
 Variou no mundo as côres
 Mas quiz azul para... o céu.

Pintor, quanto mais pintas
 Dando ao quadro um quê d'ethereo,
 Na combinação das tintas
 Não attinges o mysterio
 Com que o Divino Pintor
 Preparou tão linda côr!

Não sei, ó anjo, se tenho
 Diante dos olhos um véo;
 Ou se a côr que tem a fita
 Tanto a côr do céu imita
 Que as não discrimino eu;
 Ou se n'uma noite o vento,
 Descendo do firmamento,
 Trouxe um retalho .. do céu!

Dá-m'a. Sabes que me faltam
 As azas d'um cherubim.
 Tu pôdes subir ao céu,
 Trazer de lá mais setim,
 Mas eu não posso, mas eu...

Querem uns o céu inteiro
 Para si; tenho-o ouvido.
 Sou menos interesseiro,
 Limito mais o pedido.
 Eu... dava o prazer mais doce
 Por um retalho... que fosse.

—A belleza do pedido assegurava d'ante-mão
 um optimo resultado, meu Rodrigo.

—A belleza não; deves dizer a sinceridade.
 Julia attendeu ainda e enviou-me a fita côr do

céo, perfumada com os aromas dulcíssimos das suas tranças negras. Depois tive pena de vêr despida d'enfeites aquella cabeça gentil e enviei-lhe uma grinalda de flôres de laranjeira, na véspera do dia marcado para o casamento...

Foi ao declinar da tarde que se celebrou a cerimonia religiosa. Affluir á porta da igreja a povoação inteira. O pae de Julia foi um homem do mar, um capitão de navios, que era bemquisto de todos e esta boa gente da beira-mar continuava a consagrar á filha a dedicação que tributou ao pae. Eram rapazes e raparigas, homens e mulheres por toda a parte. Foi um dia de festa para Lessa. A tarde estava serena e a noite vinha placida. Quando sahimos da igreja, o *tio* Paulo, um pescador velho e agradável, chegou-se a nós e disse-nos:

—Boa viagem os espera. O céu está limpo e o mar é de rosas. Com tão bons prenuncios nunca eu receiei tempestades. Não de ser muito felizes, que m'o diz o coração Vão em paz.

—O *tio* Paulo foi um vidente—exclamei eu.

—Se foi!—acrescentou Rodrigo—Se foi! Por aqui ficamos n'estas solidões da beira-mar, que para logo se povoaram de fadas encantadas. Era o cortejo que precedia a chegada do nosso filhinho. Hei de ir agora com minha mulher e meu filho visitar as montanhas da minha terra. Quero dizer a Julia, quando lá chegar:

—Detraz d'aquelles pinheiros ha uma casa de campo onde tambem não entrou ainda a corrupção da cidade. Alli foi o meu berço.

Em março d'este anno partiu a familia de Rodrigo para Sinfães. Lá devem de estar a esta hora, na *casa dos olivedos*, sem que Rodrigo tenha dado ainda pela falta do visinho commendador e do visinho deputado.

Porto—junho de 1869.

NO BUSSACO

I

Em 1866 fiz eu parte d'uma tumultuosa caravana de romeiros que partia da *gare* das Devezas por uma formosa tarde de junho, em direcção ao sanctuario venerando do Bussaco. Esta nossa divertida romagem tinha quasi o character d'uma emigração d'andorinhas que se fossem deliciar n'aquella primavera eterna do Libano portuguez, tão copada de sombras e gorgeada de cantares festivos. Chegamos de noite á Mealhada e, como quizessemos adiantar caminho, partimos para Luso. Ahí pernoitamos nós na

HOSPEDARIA LUZITANNA

NAS CAZAS

DE VASILIO FERNANDES IORZE

como constava do dizer da taboleta estampada na fachada do *hotel*.

A orthographia irregular do nosso hospedeiro corria parelhas, segundo experimentamos e segundo eu preguei para desengano dos ineautos n'um folhetim do *Campeão das Provincias*, com a irregularidade culinaria do serviço da casa. Deram-nos, pois, os da hospedaria uma desastrosa ceia que faria o desespero do doutor Véron.

Nós todos, os romeiros da caravana e um academico de Coimbra, cujo nome sou obrigado a recatar, fomos as victimas expiatorias da inexperiencia culinaria do cosinheiro de Lusa.

Não ha meio para estreitar relações d'amizade como a simillhança de destinos em pessoas até desconhecidas. Foi exactamente o que nos aconteceu a nós e ao academico de Coimbra. No fim da dissaborida refeição não só estavam conhecidos, senão amigos. Logo ali traçamos em commum o roteiro da nossa peregrinação. Ficaram peitados os criados para que levantassem releuma ao desabrochar da manhã. Aquelle de nós que ficasse ainda refocillado no leito, depois do aviso estridulo, incorria na pena de maldraço exarada no codigo que para logo formulamos, reunidos em areopago.

Ao entreluzir da primeira aurora, espertaram-nos os criados. Nenhum de nós incorreu na pena estatuida; houve completo respeito ao codigo.

Os indios não acatam de certo mais religiosamente os seus *Vedas*.

Quando sahimos do *hotel*, começava a animar-se a natureza e a pompear as suas galas esplen-

didas. Do Luso ao Bussaco foi verdadeiramente um passeio bucolico.

O academico de Coimbra tinha vindo alli innumeradas vezes e para logo se offereceu como *cicerone*. Guiados por elle subimos a montanha sem esgarrarmos por caminhos travessios. Alegres marinhámos por debaixo d'aquellas immensas abobadas de verdura, que se aos affiguram suspensas no ar como os jardins de Babilonia, até que demos de resto com o humilde cénobio dos carmelitas descalços.

A respeito do mosteiro do Bussaco escrevia em a ~~no~~ amigo intimo, em 1866, no *Campeão das Províncias*, as palavras que se seguem:

«Subindo a um terrapleno assombreado de frondosas arvores, entramos ao mosteiro por um zagão calçado de seixos e forrado a cortiças, aberto em tres arcos de cantaria sobre os quaes assenta a fabrica humilissima da casa. Em frente do arco central do zagão dá de rosto a porta do claustro; eis que nos apparecem logo como para iniciar-nos nos segredos da clausura os paineis mal alumniados de dois religiosos da ordem. «O da mão direita, na expressão de frei João do Sacramento, está abraçado d'uma cruz, mysterioso indicio de que é, o que dentro unicamente se abraça. O da esquerda está, como fechando a bôca com dois dedos, aceno claro de silencio, que alli inviolavelmente se observa.» O que te não posso explicar, meu amigo, é a impressão suavemente dolorosa, que nos assalta a alma no meio d'aquella simplicidade extrema e

serena melancolia do mosteiro. Mal acredita a gente que vai entrar em domicilio de frades, ao vêr a pobreza do zagão que, se não foram os seus tres arcos de cantaria almofadados a picão com frisos de escopro, faria apenas lembrar a entrada para a gruta d'algun desconhecido eremita, que fizesse vida de penitencia no retiro d'aquelle monte.

Mas ao entrarmos no claustro, meu amigo, onde se respira em tudo um perfume de tristeza, ao vêrmos pendentes das paredes os retratos lividos dos monges mal alumniados da escassa claridade que alli entra, no meio d'aquelle frio silencio de casa deshabitada, quebrado apenas pelo som monótono dos nossos passos, então, como dizia, sentimos os nossos olhos marejados de lagrimas e os pés como que chumbados ao lagedo do pavimento. Ficamos alli como que petrificados, indecisos, absortos, sem sabermos se devemos continuar a visita áquella casa, que tem os ares d'um tumulto de vivos, se devemos sair para respirar desaffogadamente no meio da montanha. Custou-nos, de certo, muito mais o entrarmos alli, porque vinhamos de fóra com os olhos afeitos ao alegre espectaculo d'aquella festa bucolica, que a natureza nos apresenta em todo o monte, e com os ouvidos já acostumados aos cantares dulcissimos das aves. É por isso que nos foi muito mais sensivel e doloroso o contraste.»

Depois de termos visitado demoradamente o mosteiro e a igreja, caminhamos para o norte.

descendo ao valle, e chegamos á *Fonte fria* enja agua, no dizer de frei João do Sacramento, chronista da ordem, sendo *temperada de inverno, escusa neve de verão*.

Ahi, n'essa sombra deliciosissima da *Fonte fria*, acampon a nossa caravana. Travou-se conversação animada e nem eu sei como viemos a fallar dos homens politicos que as tempestades civis da nossa terra deportaram para o Bussaco. Citaram-se os nomes do cardeal D. Carlos, que alli esteve por ordem do governo em 1821, do arcebispo de Braga D. Frei Miguel da Madre de Deus, do bispo de Pinhel D. Bernardo Beltrão e de Galvão Palma, prior da freguezia de Monsaraz, que alli estiveram retidos por motivos politicos em differentes épocas.

—E quantos—disse-me o academico de Coimbra—não tem vindo esconder n'estas sombras do Bussaco o segredo das muitas lagrimas em que deixaram afogar o coração! D'uno sei eu, que deveu morrer n'este sitio em que estamos. A vida d'esse pobre rapaz dava materia que farte para um livro. Hei de contar-lh'a, antes de nos separarmos.

—Póde ser hoje de tarde—repliquei eu.

—Seja—respondeu-me elle.—Vamos desear para o mosteiro d'estas calmas do meio-dia. De tarde voltaremos aqui e contar-lhe-hei a historia. Está pactuado.

Estavamos, o academico e eu, na *Fonte fria*, á hora saudosa do sol-pôr; elle deixava entrever no semblante uma sombra de tristeza e eu mal podia comprimir a anciedade que me excitava.

—O heroe da historia que lhe vou contar— disse-me elle—era um rapaz da minha aldeia, que frequentava o quarto anno juridico e a quem eu fui recommendado, quando entrei para a universidade. Como sabe, tiro este anno carta de bacharel; vai, pois, isto ha cinco annos. Era um rapaz de mão cheia, como se costuma dizer. Chamava-se... Quero eu que se chame Eugenio da Silveira. Tinha elle uma grande intelligencia e um grande coração. Veja que era uma d'estas creaturas que nascem para a desgraça como certas flôres que desabotoam de noite, sempre cobertas d'orvalhos, que são lagrimas e sempre sandosas do sol, que é a felicidade. É uma verdadeira desgraça nascer um homem com um coração cuja delicadissima sensibilidade se não pôde afferir pelo padrão commum da humanidade. Eugenio da Silveira tinha alguns raros momentos d'alegria em que lograva conversar com verdadeira jovialidade, borboleteando da facecia á satyra e da satyra ao epigramma. De repente, porém, descabria n'uma tristeza profundissima e, n'esses momentos de concentração, não havia ar-

ranear-lhe palavra. Poucos dias depois d'elle ter concluido brillantemente os seus actos, dava eu de mão aos trabalhos do primeiro anno juridico. Sahimos, pois, ambos de Coimbra em direcção á nossa aldeia.

Eugenio da Silveira tencionava, porém, vir a banhos do mar para a Foz, em agosto. Sahiu de Coimbra n'esse proposito e chegou a realisar-o.

Quando eu voltei a Coimbra para matricular-me nas aulas do segundo anno, vi-o lá.

—Tem estado na Foz?—perguntei-lhe eu.

—Vim de lá hontem e para lá volto, logo que me matricule. Ainda não sei bem quando se abrirão as aulas. Se fica por aqui, avise-me do dia da abertura.

—Avisal-o-hei. Fique certo.

Escrevi a Eugenio da Silveira, quando começaram as aulas. Ficamos a habitar na mesma casa e até no mesmo quarto. Notei, porém, alguma differença no Eugenio. Pareceu-me mais triste ou mais alheado. Raras vezes entrava n'um *cavaco derapazes* e rarissimas n'uma questão scientifica, que se ventilasse á hora do jantar. Nas ferias do Natal sahiu de Coimbra e disse-me que vinha para o Porto.

—Quer alguma coisa para lá?—perguntou-me elle, no dia da partida.

—Se o não incommódo, queria.

—O que era?

—Uma carta para a viuva do negociante Teixeira Pinto.

—Conhece-a?—atalhou de golpe Eugenio,

recuando e fitando em mim os seus grandes olhos castanhos.

—Conheço. Foi uma das companheiras da meninice de minha mãe. Esta carta leva o meu retrato e é por isso que eu desejava entregá-la a portador de confiança.

—O seu retrato?—insistiu Eugénio.

—O meu retrato. Quando vim para Coimbra, visitei-a por ordem de minha mãe. Quasi me não lembrava d'ella. O certo é que se reataram as relações antigas. Instou a viuva pelo meu retrato para o seu album e eu prometti-o, com a condição de o mandar de Coimbra porque me tinham esquecido aqui todos os retratos que tenho. É já tempo de cumprir a minha promessa.

—Que sentimento lhe inspiraram as filhas da velha amiga de sua mãe, se é licito perguntar?

—O do respeito simplesmente. Achei-as dignas de estima e de felicidade. Oxalá que ellas a encontrem. A mãe deu-me a entender que estava proximo o casamento da Maria do Carmo com um sujeito endinheirado.

—Não pôde ser—exclamou Eugénio, mostrando nas faces uma pallidez cadaverica.—O senhor está abusando da minha curiosidade sincera. Maria do Carmo ama-me—concluiu elle, accentuando as palavras gravemente.

—Perdão—tornei eu entre humilde e pesado.—Mil perdões. O senhor Eugénio da Silveira sabe que me inspira a maxima estima e que sou incapaz de abusar da sua sinceridade.

—Tem razão—disse-me elle com os olhos

marejados de lagrimas.—Eu sou que devo pedir perdão. Excitei-me n'um momento d'angustia, mas de verdadeira angustia, acredite. Agora absolva-me. Eu amo Maria do Carmo desde os ultimos dias d'agosto d'este anno. Tinha-a visto uma vez na minha vida, no Porto, e desde então conservei uma lembrança vaga, mas suave, d'aquella mulher. Em agosto quiz Deus que nos encontrassemos e eu deo que nos ficamos amando para toda a vida. Se Maria do Carmo vai casar não o sabe; estou certo d'isso. É incapaz de me enganar aquelle anjo. Tenho aqui uma carta d'ella em que me pede que vá vêl-a nas ferias. Hei de ir. Quero saber a verdade e... morrer depois. Dê-me a sua carta; irei entregal-a pessoalmente.

Apertamo-nos as mãos e separamo-nos.

III

Quando Eugenio da Silveira voltou a Coimbra—continuou o academico—pareceu-me velho. Disse-me que tinha entregado a minha carta e que encontrára em casa da viuva Teixeira Pinto o sujeito indigitado para noivo de Maria do Carmo.

—Lá o vi—disse Eugenio.—O senhor tioha razão. Cuido que a viuva está inclinada para este casamento e que levará a sua crueldade até o extremo de sacrificar o coração e a vida da filha. Podémos, eu e Maria do Carmo, recatar as

nossas relações diante da viuva. Apresentei-me como um homem verdadeiramente desconhecido e trocamos apenas palavras cerimoniaes. Estou todavia no proposito d'ir pedil-a em casamento nas ferias da Paschoa; será minha no fim do anno lectivo.

Decorreram-se mezes sem que Eugenio da Silveira recebesse carta de Maria do Carmo. Escrevia-lhe regularmente e não recebia resposta. Offereci-me para saber por minha mãe a verdade do que se passava. Não quiz. O pobre moço tinha medo de se enganar.

—Estão proximas as ferias—disse-me um dia.—Irei eu mesmo. Maria do Carmo ainda não casou; está-m'o dizendo o coração. Ainda assim receio por ella, que é credula e pôde dar ouvidos ás infamias que levantarem a meu respeito, se é que suspeitaram das nossas relações.

Eugenio da Silveira veio ao Porto e não viu Maria do Carmo. Dizia-se que casava com o sujeito indigitado. Eis tudo o que pôde colher. Quando voltou a Coimbra, lançou-se nos meus braços e desatou a chorar. Fazia pena vê-lo! Era preciso que eu o acompanhasse para que fosse ás aulas; do contrario não ia.

Entretanto defecava consideravelmente e tinha cahido n'uma melancolia perigosa. Fazia annos por esse tempo o Eugenio. No dia natalicio brindára-o a velha esposa do seu correspondente, que era amiga de sua mãe, com um ramo de flôres.

Em agradecimento ás flôres escreveu Euge-

nio estes versos, que eu decorei e que não chegaram a ser lidos pela pessoa para quem tinham sido escriptos.

AGRADECENDO AS FLORES

(NO DIA DOS MEUS ANNOS)

Mandaes-me, senhora, flôres
— Bem sabeis quanto as eu amo... —
Tão variadas nas côres!
Lindas rosas! lindo ramo!

Foi bem acertada a escolla,
Que os temporaes de janeiro
Desfizeram folha a folha
As galas do meu jardim...
Está viuvo o jardineiro...
Olhai o pobre de mim!

Vi chegar o abril florido,
Que vem sempre prazenteiro,
Sempre lindo e bem vestido.
Ai! mas não chegaram ainda
As flôres do meu canteiro!
Vejo que chega e que linda
Este mez de tantas flôres
Sem que me traga consigo
Os meus tão queridos amores!...
Nem abril é meu amigo!

A vossa offerta comtudo
Engana a minha pobreza...

Tenho flôres sobre a mesa
 E é bem mais suave o estudo,
 Quando as tenho ao pé de mim!...
 Pobres flôres! sou assim!

Mas ai! quando eu vir pendido
 O vosso ramo, senhora!
 Ver que está tudo perdido!
 Não ter o que tive outr'ora!
 Baldada toda a canceira!
 Toda a seara desfeita!
 De risos... a sementeira!
 De maguas... toda a colheita!

Senhora, vivo captivo
 De mil lembranças passadas.
 É de sandades que eu vivo...
 Esp'ranças, essas... myrradas!

Estou pobre e pasmo agora
 De ver tamanha pobreza!
 Olho toda a redondeza...
 Não vejo nada de meu!
 Tantas flôres na montanha!
 Tantas estrellas no céu!
 —Ai! que pobreza tamanha!—

O mundo tão opulento
 E só eu me vejo assim!
 Ha astros no firmamento!
 Tem flôres qualquer jardim!
 Nada é meu, pobre de mim!

Ai! quanto me não penhora
 A vossa offerta, senhora!

Enquanto que estas vigarem
 Não serei pobre... de flôres!
 Depois, mal que descôrarem,
 Adeus rosas!—meus amores!—

Comtudo inda espero tel-as
 Das mais tristes e singelas,
 Que vão nascendo do chão,
 Ao pé d'aquelle cruzeiro
 Onde tanto caminheiro
 Pára a fazer oração...

Que triste seria o somno
 De que não se acorda mais,
 Se as pobres flôres da serra
 Deixassem ao abandono
 Os sete palmos de terra
 Onde todos são iguaes!...

D'essas espero inda tel-as...
 Bem bajaes, flôres singelas,
 Pobres flôres, bem bajaes!

Vi que se aggravavam os padecimentos de Eugenio e não só avisei o correspondente mas noticiei para a minha aldeia.

Veio a Coimbra o irmão mais velho de Eugenio, que era o senhor da casa e quiz trazel-o para o Bussaco, ainda com o risco de perder o anno.

O Eugenio disse que não sahiria sem concluir o curso e o certo é que, com grave sacrificio da sua pouca sãde, terminou a formatura. A esse tempo chegou a Coimbra uma carta de Maria do Carmo para elle. O pobre moço mostrou-m'a. Dizia-lhe que tinha conseguido apiedar a mãe, que tinha soffrido muito e que entrevia de novo a felicidade, que julgára perdida. Percebi que o Eugenio não podia escrever sem grave perigo e disse-lhe que escreveria em seu nome.

—Não respondo—volveu-me elle.—Eu morri para o mundo. A mulher que eu amava, morreu tambem para mim. Não me falle no nome d'ella para não evocar recordações dolorosas. Esperei muito tempo que me escrevesse; vi finalmente que não tinha querido roubar á sua felicidade um momento em que traçasse duas palavras. Á sua felicidade disse eu e disse bem. Ella deve ter sido feliz com os sorrisos do esposo promettido. Como o senhor vai para ferias —concluiu elle—dê ordem cá em casa para queimarem todas as cartas que me sejam dirigidas.

Os irmãos Silveiras sahiram de Coimbra comigo. Eu vinha para o Porto e elles ficaram na Mealhada; d'alli vieram para o Bussaco.

Na vespera da nossa partida, pediu Eugenio ao irmão que o deixasse fazer a mala. O irmão annuiu, suppondo que elle queria guardar cautelosamente as cartas de Maria do Carmo. Como o visse, porém, lançal-as ao fogo pouco depois d'isto, suspeitou do caso e foi remexer na mala.

Encontrou um *revolver* escondido entre uns casacos e uns livros.

—Eugenio!—disse-lhe o irmão com gesto solenne—Querias enganar-me! Não te queiras dar em holocausto aos teus algozes. O mundo diz que o suicidio é filho da loucura e tu deves querer que o mundo saiba que morreste em teu juizo para condemnares até o ultimo momento a deslealdade traiçoeira da mulher que amaste.

—Eu não condemno ninguém—respondeu Eugenio.

IV

—Separei-me de Eugenio da Silveira na Meallhada com a convicção profunda de não tornar a vê-lo—disse-me o academico com os olhos humidos de lagrimas.—Quando cheguei ao Porto puz todo o meu empenho em não perder um momento, aotes de procurar a viuva Teixeira Pinto. Fui visitá-la; ao subir as escadas senti uma vertigem, que me fez demorar no patamar alguns momentos. Annunciou-me o criado e Maria do Carmo, ouvindo o meu nome, correu á sala. Achei-a demudada, em verdade. Tinha os olhos roixos de chorar e as faces cobertas d'uma pallidez marmorea.

—Onde está o Eugenio?—interrogou ella anxiosamente, ao entrar na sala.

—No Bussaco, minha senhora e cuido que não voltará.

—Está doente? Morre?

—Penso que não resistirá ao desgosto incommensuravel que o vai matando lentamente. Para vossa excellencia, porém, já morreu ha muito tempo.

—Julga-me então criminosa?—disse ella, dando á phrase a vehemencia do desespero.

—Julga.

—Sabe Deus que o não sou.

—E vossa excellencia que provas tem em seu favor?

—O testemunho da consciencia.

—Todavia a consciencia é um tribunal cuja decisão não chega ao mundo exterior...

—É infelizmente verdade isso. Deus sabe, porém, que amei sempre o Eugenio.

—Porque lhe não escrevia então?

—Porque m'o prohibia minha mãe. Porque me tinha vigiada a toda a hora. Porque me tinha encerrada n'esta casa como em clausura onde mal entrava o sol.

—Porque não reagin?

—E podemos nós reagir contra a vontade de nossa mãe?—perguntou ella com uma timidez adoravel.

—Que dúvida? Quando a superioridade chega ao extremo d'impôr deveres ao coração, quando nos querem levar para um futuro que nos repugna, quando usam da força em vez da brandura, a reacção é legitima, porque a obediencia era o servilismo mais indigno d'este mundo.

—Cale-se, que nos podem ouvir—murmurou ella timidaente.

—Que oçam, muito embora. Eu sei que sua mãe é boa, minha senhora e é por isso que lamento que tenha o espirito ainda cívado d'estes preconceitos sociaes. Cada alma procura o seu norte, como a agulha procura o pólo. As almas não se subjagam; é um crime tentar subjugal-as. Todos nós caminhamos para o nosso fim, desenvolvendo as nossas faculdades. Ha em nós uma

faculdade d'amar; amemos, pois. Querer abafar em nós a sensibilidade, é querer dominar a nossa natureza. O que é o amor? O amor, como diz Alexandre Herculano, aquelle grande pensador do *Eurico* é «o mais profundo e energico dos affectos humanos, o amor, que une dois espiritos como dois fragmentos de um todo, os quaes a Providencia separou ao lançal-os na terra, e que devem buscar-se, unir-se, completar-se, até irem depois da morte formar talvez uma só existencia de anjo no seio de Deus.» Não queiramos nós neutralisar esta força de cohesão que tende a identificar duas almas na suprema harmonia dos espiritos. Sei bem que a mãe de vossa excellencia é um coração nobilissimo. Leva talvez a pobre senhora as suas horas a pensar no futuro das duas pombas do seu lar, que desde meninas até moças lhe teem sido delicias e envidados. Sonhou de certo n'uma d'essas horas de profundo cogitar, que entreviu a felicidade d'uma das suas filhas dilectas e acenou de longe á imagem que sonhára e que não passava d'um phantasma.

—É verdade—disse ao entrar na sala a mãe de Maria do Carmo, que ouvira as minhas ultimas palavras.—É verdade. Imaginei que a aflicção de minha filha fosse apenas um capricho dos vinte annos, que se vencesse facilmente com uma opposição temporaria. Enganei-me, porém, e Deus sabe que profundas amarguras me estão dilacerando o coração n'esta hora d'expição suprema.

—Pobre Eugenio!—murmurou Maria do Carmo, abafada em lagrimas.

—Pobre Eugenio—repeti eu.—Está irremediavelmente perdido. A vida do desventuroso moço é apenas o bruxolear extremo da lampada que se extingue. E que importava que uma força sobrenatural o salvasse? O Eugenio tem o caracter dos grandes pensadores: é propenso á dúvida. As lagrimas d'estas duas pobres senhoras, que me escutam, não poderiam desfazer a nuvem tenebrosa que lhe escurece a alma. A vida é fria como o gèlo e sombria como a noite e o Eugenio duvidou uma vez, o que equivale a dizer que duvidaria toda a vida.

—Meu Deus!—exclamou Maria do Carmo—Quero vê-lo. Quero vê-lo e dizer-lhe que sempre o amei, embora elle não acredite nas minhas palavras. Se morrer nos meus braços, pedirei á sua alma que me perdôe e jurar-lhe-hei que não serei de mais ninguem n'este mundo. Oh! minha mãe, deixe-me vê-lo uma vez...

—Vê-lo-has, minha filha. Vê-lo-has—disse a pobre senhora abraçando-se em Maria do Carmo.

—Compreendi—concluiu o academico—que a minha presença era importuna n'aquelle momento solene e sahi de casa da viuva Teixeira Pinto com o coração alanceado de tristezas.

V

—Contou-me o irmão de Eugenio da Silveira tudo o que se passou desde a minha visita á viuva Teixeira Pinto até ao desfecho luctuoso d'este drama—disse-me o academico.

O pobre Eugenio tinha cahido n'uma melancolia profunda e vivia, se é propria esta palavra, completamente absorto no seu unico pensamento. Pouco dormia e quasi não fallava o desgraçado moço; ao abatimento moral succedera uma lethargia que lhe tinha aniquilado a immensa robustez da sua compleição.

Ao fim da tarde costumava vir, pelo braço do irmão, sentar-se aqui ao pé da fonte, quem sabe se n'este mesmo banco em que nós estamos; se n'aquelle que nos fica fronteiro. Aqui se quedava esquecido a scismar por longo tempo com os olhos fitos n'um ponto que seria difficil determinar e onde Deus sabe se elle veria sorrir-se-lhe o anjo da morte ou delinear-se-lhe a imagem sandosa de Maria do Carmo ainda contornada d'uma luz suave como a dos ultimos clarões d'um crepusculo do estio.

Vêl-a-ia elle n'aquelle meditar de todas as tardes? Quem sabe? Eu inclino-me para ali. O nosso coração é assim. Morremos a beijar a mão que nos vibrára no seio a panhalada e que, mo-

mentos antes, dirigia, no mar da vida, o leme da arca sancta da nossa alma.

Nunca ninguém viu que o Eugenio chorasse. Tinha os olhos sêccos e o coração cheio de lagrimas. O irmão sentava-se por aqui, perto d'elle, a contemplal-o com a vista embaciada de pranto. Para esse é que era o chorar.

Quando se apagava no occidente o ultimo raio de sol, levantava-se o Eugenio, como se não tivesse já luz para vêr a imagem querida, ou como se o amedrontassem a escuridade e a solidão, que o faziam lembrar talvez da noite do tumulto, que estava proxima.

Então os dois irmãos davam-se o braço e voltavam ao mosteiro, calcando as folhas soltas no chão e caminhando por entre as sombras que se abraçavam aos troncos seculares.

Devia de ser magestoso aquelle grupo!

Aqui interrompeu o moço academico a narração como para desenhar na imaginação os vultos dos dois irmãos e, n'esse momento, vi-lhe os olhos marejados de lagrimas.

Pouco depois continuen:

—Devo tel-o fatigado com a minha historia, mas prometto abrevial-a.

Uma tarde estavam aqui os dois irmãos Silveiras: o Eugenio a seismar, o outro a contemplal-o.

O Eugenio acordou n'esse dia muitissimo peor e custára-lhe até a chegar ao seu pouso de todos os dias. Estava, pois, o irmão a contemplal-o, quando ouviu perto o rumor de pas-

sos. Ergueu a cabeça subitamente e viu, a pequena distancia, duas senhoras que se aproximavam.

Uma d'ellas, n'esse momento, corren precipitadamente para Eugenio e, ajoelhando-se-lhe aos pés e apertando-lhe os braços para que levantasse a cabeça, exclamou com ancia:

—Eugenio! Eugenio! Sou eu que te venho dizer que sempre te amei e que estou innocente. Eugenio! Vês-me? Conheces-me? Olha para mim sequer...

Então elle, como que despertando d'um sono profundo, empregou um esforço supremo para se soltar dos braços d'ella e levou as mãos aos olhos para sacudir uma nuvem que lhe turbava a vista.

Encarou em Maria do Carmo e, fazendo menção de se levantar, exclamára apenas:

—Ah! É pois certo!

Quiz levantar-se e não pôde. Caiu extenuado nos braços do irmão e da viuva Teixeira Pinto. Houve silencio entre os tres espectadores.

Passados momentos, ergueu a cabeça pausadamente e fitou de novo Maria de Carmo.

—Perdôa-me — murmurou ella. — Perdôa-me, que estou innocente.

O Eugenio quiz fallar e já não teve vida para tanto. Meneou a cabeça affirmativamente e caiu morto no regaço de Maria do Carmo.

O academico e eu ficamos largo tempo calados.

—Maria do Carmo—disse-me elle momentos depois—está n'um convento de Braga, d'onde jurou não sair. O cadaver de Eugenio da Silveira repousa no cemiterio da minha aldeia, que tambem era d'elle, em caixão de chumbo. Se o senhor fôr algum dia visitar as montanhas da minha terra, e eu lá esteja, verá como ha de achar coberta de flôres a sepultura do Eugenio. Sou eu que lh'as vou lá pôr. Tenho ainda muito viva no coração a saudade d'aquelle homem e a memoria d'este drama.

Porto—1869.

O MORGADO DO URGAL

Fui visitar, ha dias, os pardieiros do Urgal. Visitar não é expressão propria. Da lomba do oiteiro proximo é que avistei a casa em ruinas sotoposta a um souto de castanheiros seculares.

A Ludovina, uma lepida pequerrucha que tem sido o meu *fidus Achates* n'estas peregrinações pela aldeia, acompanhou-me ao sitio onde cheguei e mostrou-me a casa, de longe, com a sua pequenina mão queimada do sol, dizendo-me:—É acolá.

Senti apertar-se-me o coração diante d'aquellas ruinas! O telhado está desmantelado, os caixilhos desconjunctados e as janellas cuido que trancadas para sempre. Algumas trepadeiras foram marinhando pelas paredes e calafetando providencialmente as juncturas abaladas da frontaria.

Pedi á Ludovina que me levasse d'alli; estava-me fazendo mal aquillo.

Descemos o oiteiro, embetessamo-nos por uns atalhos pedregosos e fomos dar ao casebre

da Luiza da Granja. O paé de Lindovina, avisado pelo estrepido dos passos, sahio ao quinteiro a receber-me.

—Guarde-o Deus, *sôr fedalço*—disse elle.—E ha de perdoar o modo como appareço. Isto são nodos de vinho novo—continhou, indicando as manchas arroxeadas da camisa.—Temos andado na vindima.

—Essa é boa, Manoel! Vossê está em sua casa.

—É lá como diz o outro, a gente deve andar limpa. Ora é verdade. O caso é que se não fosse a *cirurgia* de saber a historia do morgado do Urgal, como me disse cá a pequena, ficavamos d'esta vez sem vêr o *fedalço*!

É de notar que a palavra *fidalgão*, em bôca de homem do campo, é synonyma de cidadão. E não é de estranhar que elles nos concedam voluntariamente fôro de nobreza, n'uma época em que os governos o estão barateando a bel-prazer. O que me admira é que se não antepoñham a quaesquer outros no goso d'estas e quejandas honrarias; sobejavam-lhes razões de preferencia...

—É verdade, Manoel, vamos á historia, se tem occasião para isso.

—Sim, senhor, vamos lá. Está-me fervendo o vinho no lagar; agora não ha que fazer.

Sirva isto d'introdução á biographia do morgado do Urgal.

O pae de Miguel Soares, de quem se tracta, era Cosme Soares, lavrador activo, intelligente e laborioso, que frequentára em tempo as aulas de Lamego e que, lembrado ainda d'umas regras de latim que lá aprendera, incitava os caseiros e os criados ao trabalho dos campos, apontando-lhes esta maxima: *Dulce post laborem*.

Tinha Cosme Soares, quando rapaz, um tio abade na freguezia, já velho e rheumatico, irmão do pae, que dera de conselho ao irmão o mandar o sobrinho ordenar-se a Lamego no intento de que, por morte sua, ficaria o rapaz provido na abbadia. Foi Cosme Soares para Lamego, a despeito da mãe que o não queria fóra de si, pelo muito que o amava. Vencidas as difficuldades da lingua patria, viu-se Cosme Soares a braços com a sphinge medonha da litteratura d'aquelles tempos—o latim.

Pôde vencel-a, porém, e preparar-se quasi que machinalmente para as aulas de theologia, quando um accidente inesperado veio pôr em sobresalto o coração do pae afflicto e dar rebates de alegria no seio amantissimo da mãe.

Cosme Soares estava namorado.

Era uma senhora de Lamego, formosa e rica, a mulher seductora que soube prender nas algemas suavissimas do amor o coração do moço estudante.

Soube-o o pae de Cosme e dispunha-se a resistir violentamente á vontade do filho, dias antes de lhe chegar ás mãos uma carta d'elle em que o moço declarava renunciar reflectidamen-

te, segundo dizia, a uma vida para que não tinha vocação natural. O pae regongou de cólera; acudiu-lhe, porém, ao escabujar violento a carinhosa esposa. Parecia que o velho persistia no proposito d'ordenar o filho. Mas era differente o parecer da mãe, que soube vencer a repugnancia do marido e do cunhado, o abbade, aformosentando na phantasia d'ambos o quadro exuberante de poesia domestica em que Cosme Soares apparecia ao lado da esposa formosissima e dos filhos pequeninos, que sorriam de felicidade aos avós e ao tio abbade.

Pôde a mãe de Cosme Soares vencer o pleito a favor do filho. Fecharam-se os livros e casou-se o rapaz. Houve completa alegria na casa do Urgal, quando Cosme Soares e a esposa apontaram á porta ladeada de casciros e criados

Não veio sombra de temporal—graças a Dens! —escurecer o firmamento alegre d'este hymeneu.

O caso é que d'ahi a dois annos realisavam-se as prophcias da mãe de Cosme: era já avó de dois netos.

Chamavam-se os pequenos Miguel e Manoel; Miguel era o mais velho.

O tio abbade quasi que não sentia o rheumatismo de contente que andava! O pae de Cosme Soares revia-se nas graças sedutoras das creanças e a esposa, mais solícita do que elle, levantava-se, noite velha, para ir espreitar os netos e achegar-lhes das cabeças loiritas a cothorta d'algodão.

O tio abbade e o irmão não lograram chegar,

porém, á maioridade dos rapazes; morreram com pequeno intervallo d'um ao outro.

N'esse tempo tinha Miguel dezeseite annos e Manoel dezeseis.

Cosme Soares, a mãe, e a esposa vieram ao accordo de que Miguel se formasse em cirurgia, favorecendo d'este modo a posição de Manoel, que ficaria olhando e vigiando as propriedades. Eram causa d'esta resolução o genio, a intelligencia e o desamor de Miguel á agricultura.

Foi o rapaz estudar para o Porto e Manoel começou a orientar-se na direcção da casa e nos trabalhos do campo.

Ao tempo em que Miguel Soares sahia victorioso das suas primeiras lides litterarias, dava a alma ao Creador a velhinha septuagenaria, que era sua avó. Por esta occasião escrevia Manoel Soares ao irmão o que segue:

«Se estás arrependido, apesar dos teus progressos e da tua intelligencia, da posição que escolheste, vem.

«A casa tua é; eu sou apenas administrador e com isso me contento. Sabes que não tenho aspirações.»

Miguel Soares leu a carta do irmão e não veio; respondeu simplesmente:

«Eu estou bem. Vive tu a teu modo e vêla por nossos paes.»

Vamos nós agora a esmiunçar este—hem-estar—do estudante, no Porto.

O leitor, vesado a enigmas d'este quilate, deslinda-se magistralmente d'este. Succedera a Miguel Soares o que, annos antes, acontecera em Lamego a seu pae.

Amava tambem!

Ai! o amor! E quem haveria ali que podêsse resistir ao labutar constante da intelligencia, ás noites desveladas sobre os livros, se n'estas agruras do estudo lhe não entreluzisse, a espaços, o vulto luminoso da mulher querida?!

Miguel Soares amava; e n'esta phrase se resume um céo de felicidades e d'esperanças, raro aguadas por uma chuva de lagrimas, que, quando vinham, eram apenas para fazer brotar e re-verdecer novas felicidades e novas esperanças.

As lagrimas que seceam, que esterilizam, que requeimam o coração, essas deviam chegar mais tarde; e chegaram.

Acompanhemos Miguel Soares, n'um dos dias mais angustiados da sua vida, até á porta da aula. É de notar que Miguel Soares vai de lucto; morreu-lhe o pae, o velho Cosme Soares, o honrado e laborioso proprietario.

Morreu elle, abraçado á esposa, abençoando o destino dos filhos, á hora em que Manoel cahia no leito enfermo d'uma ascites, que o levára á sepultura d'ahi a oito mezes e quinze dias antes de Miguel, alanceado de saudades e de mágoas suas, longe do torrão em que nascera, derramar as primeiras lagrimas torrencias da sua vida.

Miguel Soares tinha um amigo intimo; era um seu condiscipulo. Acompanhemol-o, pois, n'este dia até á porta da aula, durante o curto espaço da conversa nos corredores.

—Que soubeste tu?—perguntou a Miguel Soares o condiscipulo precipitadamente.

—Está peor; muito peor—responden tristemente Miguel.

—Quem t'o disse?

—A eria da, esta manhã.

N'este momento entrava o professor; o dialogo ficou interrompido.

Elucidemos o leitor.

Desaninhára-se a serpente da desgraça do seu antro d'escuridão e viera empeçonhar com a baba immunda os roseiraes floridos do paraizo de duas almas.

Grassavam a esse tempo, no Porto, as febres variolosas. A mulher que Miguel Soares amava do intimo d'alma, a unica que elle via, na solidão do seu quarto, nas horas do estudo, essa, digo eu, cahira no leito, moça e formosa, para se levantar d'elle desfigurada com as marcas profundas que lhe sulcavam a face.

Diziam os moços conhecidos de Miguel Soares, com grave injustiça ao seu character e á sua alma d'elle, que abandonaria, n'aquelle estado, a mulher que tinha amado bella e formosa entre as outras que mais o eram.

Não aconteceu assim.

Foi longa a doença e longa a convalescença. Miguel Soares escrevia todos os dias á doente

para saber do seu estado; a resposta, porém, vinha quasi sempre escripta.

Instou por fallar-lhe, quando viu que poderia obter o que pedia.

Conseguira elle que a senhora assentisse, enfim.

Escreveu-lhe ella marcando a hora da entrevista; o papel, porém, vinha humido de lagrimas.

O homem da Luiza da *Granja*, que me referiu a historia de Miguel Soares, substituiu, n'este lance, as palavras por lagrimas. Não sei o que lhe hei de dizer; imagine o leitor o que seria aquella entrevista.

Foi, supponho eu, um chorar anciado e afflictivo, um soluçar magoado da mulher que perdeu para sempre a mocidade e a belleza e do homem que procura certificar-a de que para elle a belleza e a mocidade eram exiguos atractivos.

Não vingaram, porém, razões.

Entron-se a consternada senhora de desgosto profundissimo. Nunca mais fallou ella com Miguel Soares; entretanto escrevia-lhe e fallava-lhe do céu e do hymeneu de duas almas, que veriam lá alvorecer a sua aurora de felicidade.

Uma d'essas cartas foi a ultima; a mulher, que Miguel Soares amava, bateu as azas para o mundo dos espiritos.

Elle, o desgraçado mancebo, fugiu com a sua dôr e com os seus livros para o regaço de sua mãe, que chorava, a esse tempo, saudades eternas d'outro filho.

De dia, Miguel Soares assistia compadecido e carinhoso ao declinar da infeliz senhora; de noite, lia ou velava, entrevendo a imagem sandosissima nas vigílias da leitura e nas insomnias da febre.

Miguel Soares viveu assim seis mezes.

A consumpção foi lenta. Ao cabo d'esse tempo, porém, a alma de Miguel Soares foi realizar no paraizo o hymenem esperado.

Sahiu da quinta do Urgal a viuva de Cosme Soares amparada ao braço d'um criado. Dizia ella que ia morrer a Lamego no seio de dois irmãos que tinha, tragando saudades dolorosissimas do marido e dos filhos.

E lá morreu.

Os irmãos da defuncta senhora, herdeiros d'ella, respeitaram e respeitam ainda a casa fatal, que foi tumulo d'uma familia inteira. Não lhe pozeram mão reformadora; seria doloroso para elles o remexer n'aquelle acervo de cinzas e ruínas.

Quinta de Villa Verde—11 de setembro de 1868.

J
Sam J. Stetson